

revista

OVELHA

QUADRIMESTRAL

No 69 dezembro 2018 | Ano XXXI | Preço ~~2,50~~ Euros | ISSN 0805356

Elegemos a problemática das alterações climáticas como tema principal para a 36ª Ovíbeja em 2019.

É um tema ambicioso que merece uma discussão aprofundada.

A actividade agrícola afecta e é afectada por estes fenómenos.

A ACOS criou, em Novembro passado, o Serviço de Comercialização de Bovinos, um serviço que permite uma aproximação entre os produtores, de forma agrupada, e o mercado, encurtando distâncias, ganhando dimensão, poder negocial e condições para aceder a novos mercados.

ACOS CRIA SERVIÇO
DE COMERCIALIZAÇÃO DE BOVINOS

LABORATÓRIOS ACOS

LABORATÓRIOS ACREDITADOS

LABORATÓRIO DE AZEITONA E AZEITE

O Laboratório de Química da ACOS poderá ajudá-lo caso pretenda:

- Determinar o momento ideal para a colheita;
- Avaliar e monitorizar a qualidade (rendimento e acidez) das azeitonas entregues no lagar;
- Determinar a acidez do azeite extraído em poucos minutos;
- Determinar a qualidade do azeite produzido;
- Determinar as perdas de gordura no bagaço;
- Fazer análises para calibração de equipamentos NIR.

LABORATÓRIO VETERINÁRIO

O Laboratório Veterinário está preparado para dar resposta a Serviços Oficiais, Médicos Veterinários e produtores no âmbito de:

- Controlos Oficiais de Saúde Animal (programas de erradicação ou controlos obrigatórios de doenças, como a Brucelose e a Doença de Aujeszky, e análises para exportações);
- Programas voluntários de saúde animal (BOVICARE – IBR e BVD);
- Avaliação do grau de eliminação de ovos de parasitas através de análises coprológicas (fezes) aos animais, como apoio à decisão sobre a necessidade de tratamentos desparasitantes;
- Apoio ao diagnóstico clínico;
- Controlo de qualidade de leite.

CONTACTOS:

Laboratório de Química | Telf. 284 249 011
Laboratório Veterinário | Telf. 284 310 360

Email: laboratorio@acos.pt
Morada: Rua Cidade S. Paulo, nº 36
Apart. 296 – 7801-904 Beja



ACOS
AGRICULTORES
DO SUL





9^o CONCURSO INTERNACIONAL DE AZEITES VIRGEM EXTRA PRÉMIO CA OVIBEJA

DE 24 A 28 DE ABRIL DE 2019
BEJA PORTUGAL

CERIMÓNIA DE ENTREGA
DE PRÉMIOS
27 DE ABRIL DE 2019



WWW.OVIBEJA.PT
WWW.CREDITOAGRICOLA.PT

Organizado por:



ADAS
ASSOCIAÇÃO
DOS PRODUTORES
DO AZEITE DO SUL



Casa do Azeite
Associação do Azeite de Portugal
Rua Pinheiro Chagas, nº17, 4º Esq.
1050-174 Lisboa | Portugal

Telefone: (+351) 21 384 18 10
Fax: (+351) 21 386 19 70
E-mail: geral@casadoazeite.pt

Que consigamos mobilizar as nossas melhores energias para defender e valorizar o que é nosso

Esta edição da nossa revista Ovelha coincide com o fecho do ano de 2018 e a chegada de 2019, um ano que se perspectiva de grandes desafios para a associação e para os agricultores em geral.

Sustentabilidade, competitividade e instabilidade climática são três factores que condicionam grandemente a actividade agro-pecuária e florestal.

É cada vez mais pedido aos agricultores que utilizem factores de produção de forma sustentável com o objectivo de preservar o ambiente, garantir a biodiversidade dos sistemas, manter níveis de produtividade de modo a salvaguardar recursos para gerações futuras.

Por outro lado, para manter a viabilidade económica das explorações é necessário garantir a competitividade. Entre outros factores, contribuem para a competitividade a organização da produção, a comercialização de forma organizada e o efeito escala.

Finalmente, toda a actividade agro-pecuária e florestal é realizada em cenários de instabilidade climática, cada vez mais recorrente e inconstante, o que condiciona grandemente a produtividade, principalmente nos sistemas agrários extensivos como são os da nossa região.

Nesta edição da Revista Ovelha vamos de algum

modo abordar estas temáticas informando os nossos associados do trabalho e das actividades que a Associação tem vindo a desenvolver ou que conta implementar no curto e médio prazo.

Elegemos a problemática das alterações climáticas como tema principal para a 36ª Ovíbeja em 2019. É um tema ambicioso que merece uma discussão aprofundada. A actividade agrícola afecta e é afectada por estes fenómenos. O papel dos agricultores, que são os grandes guardiões da biodiversidade, na mitigação e combate destas irregularidades climáticas será demonstrado e valorizado através de debates, seminários, exposições e acções de sensibilização.

Em época festiva, os votos que fazemos a todos vós são os melhores: que sejam realizados os vossos projetos, que sejam bem cultivados e que dêem frutos. E que o tempo esteja de feição. Ou seja, além de bom tempo meteorológico, que as políticas nacionais e comunitárias favoreçam os investimentos e as apostas sérias na agricultura e no mundo rural, com especial atenção a zonas de interior, como a nossa. E que consigamos mobilizar as nossas melhores energias para defender e valorizar o que é nosso.

Bom Ano!

Claudino Matos *Director Geral da ACOS*

Estatuto Editorial A Revista OVELHA é uma publicação mantida pela ACOS – Agricultores do Sul, desde o primeiro momento da constituição desta associação. Publicada há mais de 30 anos, a Revista Ovelha cobre uma variedade de tópicos relacionados com a agricultura, a pecuária, as agroindústrias, o associativismo, as políticas agrícolas e o desenvolvimento rural incluindo ainda temáticas culturais e ligadas à sociedade civil. Inicialmente concebida como principal meio de informação para com os seus associados, a Revista OVELHA desde logo se diferenciou das demais, pelo nível técnico e científico dos conteúdos publicados, pelo seu posicionamento editorial e até pela sua identidade gráfica. Progressivamente, e refletindo o crescimento desta associação, a Revista OVELHA, continuando a dirigir a informação aos seus associados, passou também a ser a publicação oficial da Ovíbeja, dando cobertura à programação do certame. A revista ampliou o âmbito editorial e, além da agricultura, passou a incluir temáticas ligadas à cultura e à sociedade civil. Distribuída pelos expositores e milhares de visitantes do certame, a revista viu aumentar a sua divulgação e notoriedade. A Revista OVELHA desde sempre contou com a colaboração permanente dos mais prestigiados investigadores e técnicos, divulgando as novidades e tendências do setor agrícola, através de artigos técnicos e científicos e colunas de opinião das mais diversas personalidades e instituições de diferentes quadrantes: político, empresarial, cultural e institucional. O seu posicionamento editorial pauta-se por uma postura atenta aos desafios e oportunidades da agricultura regional, nacional e internacional. Acompanha os grandes desenvolvimentos do setor e das políticas agrícolas, sempre com uma visão independente e crítica com o intuito de informar, lançar o debate, defender e reivindicar os interesses dos seus associados, parceiros e dos agricultores em geral.

Cofinanciado por



PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014-2020





Entrevista

Rui Garrido

“A organização da produção é um passo que é urgente darmos”

4

Bovinos

ACOS cria novo serviço de comercialização de bovinos
Haverá risco maior do que permanecer isolado?

8

Normas de funcionamento interno da secção comercial de bovinos

14

ACOS

Formação e educação como promotores da sustentabilidade local

16

Laboratório de Química

O apelo dos sentidos numa viagem ao mundo do rigor e da objetividade

18

36ª Ovibeja

Com “Todo o Alentejo deste Mundo” em resposta a novos desafios

20

Sevilha

I Congresso Luso-Espanhol de Pecuária Extensiva foi um êxito

22

I Congresso Hispano-Luso da Pecuária Extensiva

Fez-se uma radiografia completa do setor

28

Regadio

Representantes de agricultores e de regantes constroem propostas de gestão das redes de rega

30

Perfil

Pedro Batista

“Efetivo pecuário português é dos melhores rastreados do mundo”

34

Biosfera

David Marques

Vereador da Câmara Municipal de Castro Verde:
“Pretendemos criar a marca Castro Verde Biosfera

36

Rui Garrido, presidente da direcção da ACOS

“A organização da produção é um passo que é urgente darmos”

Com o intuito de dar resposta a novos desafios e posicionando-se em consonância com as novas exigências de melhor qualidade, maior eficiência, mais capacidade de intervenção e de reivindicação, a ACOS tem vindo a apostar no reforço dos vários serviços que presta e na criação de novos. Rui Garrido, Presidente da Direcção da ACOS anunciou, em entrevista, investimentos no Laboratório de Química da ACOS para responder a todas as necessidades da fileira, a criação de um centro de engorda de ovinos no distrito de Beja, destacando ainda o trabalho que está a ser feito em todos os outros setores de atividade da ACOS. Mais do que trabalhar ao serviço dos seus associados, a ACOS procura criar mais-valias que favoreçam a região. A criação de parcerias, tanto na região, como transfronteiriças é disso exemplo.



A ACOS fez, ao longo de 2018, várias apostas em novos serviços. Que balanço faz do desempenho da Associação?

A par da criação de novos serviços, a ACOS tem vindo a consolidar algumas das atividades ou serviços que presta. Estou a falar, nomeadamente, do setor das lãs, porque temos vindo a aumentar não só o número de cabeças tosquiadas, como o número de quilos que recolhemos e que depois comercializamos com os nossos parceiros espanhóis. Estou a falar de uma outra área que iniciámos há pouco mais de um ano que é o serviço de comercialização de borregos. Também aqui, depois de um ano em fase experimental, continuamos a ter um significativo número de produtores interessados em prosseguir.

Nesta área, continuamos a fazer a comercialização destes borregos com a OVIPOR, a nossa parceira espanhola, mas vamos criar, na nossa região, mais um serviço. Tendo em conta o interesse manifestado por muitos dos nossos associados, e porque só assim conseguiremos ter uma mais valia mais consistente, proporcionando ainda mais vantagens nos preços de venda

dos borregos, nós decidimos construir o nosso próprio centro de engorda de borregos. Esta vai ser uma atividade nova. Vamos avançar com este investimento, que é grande. Estamos neste momento a decidir onde vamos localizar este centro de engorda. Assim, em vez dos borregos irem para Espanha, vão ser engordados aqui. Tendo em conta que os nossos parceiros espanhóis têm clientes em Portugal, temos atualmente borregos que vão ser engordados em Espanha e depois voltam para o mercado Português. O que, além de não fazer sentido, implica a perda de mais-valias resultantes do processo de engorda. Por essa razão, a ACOS decidiu avançar com a prestação de mais este serviço.

Quero destacar ainda o Serviço de Formação Profissional da ACOS que é um dos serviços que está muito bem consolidado e que consideramos da máxima importância. Estamos atualmente a fazer formação profissional em Beja e em muitos locais, um pouco por todo o Alentejo e junto dos nossos parceiros, como sejam a Associação de Agricultores do Campo Branco, a Associação de Criadores do Porco Alentejano, entre muitos outros. Temos, inclusivamente, um segundo

pólo, sediado no Centro de Formação Profissional do Pomarinho para fazer formação na zona de Évora.

Serviço de comercialização de bovinos

Também foi este ano, em Novembro, que a ACOS lançou todos os preparativos para a criação de um serviço de comercialização de bovinos para o mercado externo.

Sim. Uma área que também já está perfeitamente consolidada é a dos leilões de bovinos. No Baixo Alentejo somos só nós a fazê-lo. E também aqui queremos dar um passo em frente. Os leilões têm um efeito direto e um efeito indireto. O direto relaciona-se, desde logo, com os preços que são normalmente, sublinho normalmente, mais elevados que no mercado corrente. No entanto, sentimos que por vezes há combinações entre os compradores. Quando isso acontece, os preços não resultam, como era de esperar. O efeito indireto é que, mesmo para os produtores que não trazem os animais aos leilões, é tido em conta o preço de referência praticado.

Para evitar a cartelização, temos vindo a concertar, também com o grupo de cooperativas espanholas nosso parceiro, especializado na comercialização de bovinos, a BOVIES, no sentido de criarmos o mesmo tipo de serviço de comercialização que temos estado a fazer com os borregos. Já temos um grupo de associados interessados em avançar, também com uma fase inicial experimental. Para esclarecer dúvidas e melhor entendimento de como funciona levámos um grupo de associados a um Centro de Engorda nas proximidades de Cáceres. O preço de venda dos animais tem como referência os valores dos bovinos na Bolsa da Extremadura.

A ACOS tem sempre como preocupação a criação de condições e a criação de serviços que apoiem e defendam a produção, os nossos associados e que possam trazer ganhos para a região.

Considera que os sócios, e a comunidade em geral, têm a noção dos ganhos que podem advir de uma melhor organização dos produtores?

Grande parte dos nossos associados já percebeu que estes serviços favorecem melhores condições de comercialização. De qualquer modo, quando são criadas medidas novas, ou novos projetos, neste caso, um novo serviço de comercialização, nem toda a gente adere de imediato. Até porque, alguns deles têm os seus próprios canais de comercialização e estão confortáveis com isso. E não lhes é fácil largarem assim de repente os seus canais habituais e aderirem a outros diferentes. No caso dos bovinos, há produtores que têm contratos, por exemplo com uma cadeia de hipermercados.

Nem todos estão preparados para comercializar de forma diferente.

O que estamos a ver, e sentimos isso pelas mensagens que vamos recebendo por parte de muitos sócios, é que estão agradados com os novos serviços por nós

ACOS cria painel de provadores e adquire mais equipamentos para resposta do Laboratório ao ciclo completo da fileira oleícola

Na linha da frente, e como resposta às exigências cada vez maiores do aumento da qualidade do azeite e da azeitona produzidos no Alentejo, o Presidente da ACOS informou que está a ser preparado um investimento no Laboratório de Química, de modo a aumentar o tipo de análises feitas nas suas instalações. “Temos vindo a fazer um investimento muito grande no Laboratório de Química, com um esforço no sentido de proporcionar a todos os interessados, especialmente na fase da colheita da azeitona, análises rigorosas, isentas, de modo a que os produtores que entreguem a sua azeitona nos vários lagares saibam exatamente o que estão a entregar.

E, fruto deste nosso esforço, finalmente este ano temos a esmagadora maioria das cooperativas do Baixo e do Alto Alentejo a trabalhar connosco. E realçamos que, pela primeira vez, temos a Cooperativa Agrícola de Moura e Barrancos, que é um potentado na área do azeite, a trabalhar com o nosso Laboratório. Nunca é demais dizê-lo, o nosso Laboratório está devidamente certificado, os seus métodos estão acreditados, a funcionar com 100 por cento de garantia de qualidade e isenção. Este ano

temos muitas mais amostras e mais clientes. E também aqui vamos fazer um novo investimento. Neste momento fazemos as análises todas à azeitona e uma grande parte ao azeite. E vamos investir para criar capacidade de resposta, nas nossas instalações, ao ciclo completo. Vamos criar um painel de provadores e vamos adquirir, (já está em fase de concurso), os equipamentos necessários para fazermos todas as análises ao azeite sem necessidade de termos de recorrer a laboratórios externos.





criados. No caso dos ovinos houve uma manifestação clara da necessidade de um circuito mais organizado de venda e, agora que estamos a arrancar com os bovinos, estamos também a receber manifestações de agrado e de interesse. No entanto, sabemos de antemão que nem todos vão aderir.

Mas, há uma certeza que nós temos. Basta olhar para os nossos vizinhos espanhóis e, se fizermos a comparação entre a forma como eles comercializam, nomeadamente, os produtos pecuários e como nós o fazemos, percebemos que eles estão muito à frente de nós, muito mais organizados. A diferença é abismal. Os parceiros que nós temos para a lã, para os borregos, para os bovinos, estão perfeitamente organizados em agrupamentos de produtores, ou seja, grupos de agricultores que se juntaram para comercializar os seus produtos. E nesta área dos produtos pecuários, a nossa organização é muito incipiente. Este é um passo urgente que é importante darmos.

Congresso Ibérico

A ACOS também participou na organização, à escala ibérica, de um Congresso sobre a problemática da pecuária extensiva. Foi uma aposta importante?



É notório que os espanhóis estão, na área da pecuária, muito mais organizados do que nós, portugueses, e com muitos anos de avanço.

Sim. Em resultado das parcerias que temos vindo a concretizar, nomeadamente com a OVIPOR, nasceu a ideia de organizarmos, em conjunto, um Congresso Luso-Espanhol muito virado para a problemática da Pecuária Extensiva, do montado, que reflectisse sobre toda a zona de interior de sequeiro da Península Ibérica. Grande parte dos problemas são os mesmos e aquilo que nos une é muito mais que aquilo que nos separa. Por outro lado, é notório que os espanhóis estão, na área da pecuária, muito mais organizados do que nós, portugueses, e com muitos anos de avanço. Aproveitando aquilo que é a sabedoria e a experiência dos espanhóis nesta área fizemos este Congresso em conjunto. E chamámos membros do governo e eurodeputados que estiveram presentes no último dia. O propósito era sensibilizá-los para que a problemática da pecuária extensiva seja mais bem tratada nos próximos Quadros Comunitários de Apoio. O Congresso correu muito bem. Teve mais de 400 inscrições. De destacar que foi organizado pelos nossos parceiros espanhóis, pela ACOS e pela União dos ADS do Alentejo. Do lado português tivemos quase 100 pessoas presentes, o que para nós foi uma vitória, sinal de interesse dos nossos associa-



dos por estas matérias. Curioso, e salientado por diversas vezes, é que sala do Congresso esteve sempre cheia durante os dois dias dos trabalhos. As intervenções foram de tal maneira boas que as pessoas se mantiveram interessadas do princípio ao fim. O que foi muito salutar.

Em 2020 realizaremos em Beja o II Congresso sobre pecuária extensiva.

Quero ainda sublinhar que vamos manter e reforçar todos os outros nossos serviços que já disponibilizamos. Realce para o apoio técnico aos nossos associados. Temos cinco técnicos na ACOS em contacto permanente com os nossos associados para apoio técnico.

Quer deixar uma mensagem para o próximo ano?

Quero desejar um bom ano agrícola aos agricultores em geral e em particular aos nossos sócios e desejar também um bom ano aos nossos funcionários, que também o merecem. A ACOS tem cerca de 70 funcionários, a esmagadora maioria bem ciente daquilo que deve ser o trabalho de uma associação de agricultores e dos serviços que deve prestar.

36ª Ovibeja

As alterações climáticas e o papel dos agricultores

Rui Garrido, Presidente da ACOS salienta que “outra das nossas grandes apostas, que é transversal a toda a região, é a Ovibeja. Já estamos a preparar a 36ª edição, dedicada à problemática das alterações climáticas, um tema que está muito atual e que merece ser debatido e aprofundado.

A escolha do tema é também uma forma de prestar mais informação útil sobre o papel dos agricultores para a preservação do meio ambiente. Vamos trazer aqui especialistas de várias áreas que informem e esclareçam melhor toda a gente. Porque há muita desinformação. A questão do olival é um exemplo claro de desinformação. Porquê? Porque se compararmos o olival com outras culturas, o olival gasta menos água, por gastar menos água foi possível aumentar a abrangência do regadio de Alqueva. O olival usa menos químicos que a maior parte das outras culturas. Alguns dos produtos que usa são também aplicados em produção biológica, como é o caso do cobre, que é um produto que se aplica muito em olival.

É também importante referir que a maior parte dos nossos olivais são explorados em Modo de Produção Integrado, portanto com regras muito bem definidas e acauteladas. Não há mobilização do solo nas entrelinhas que serve de tampão e é onde cresce erva. E funciona como um importante regulador do carbono. Portanto, em termos ambientais, é muito importante. Não entendo porque há tanta desinformação em relação à cultura do olival na nossa região.

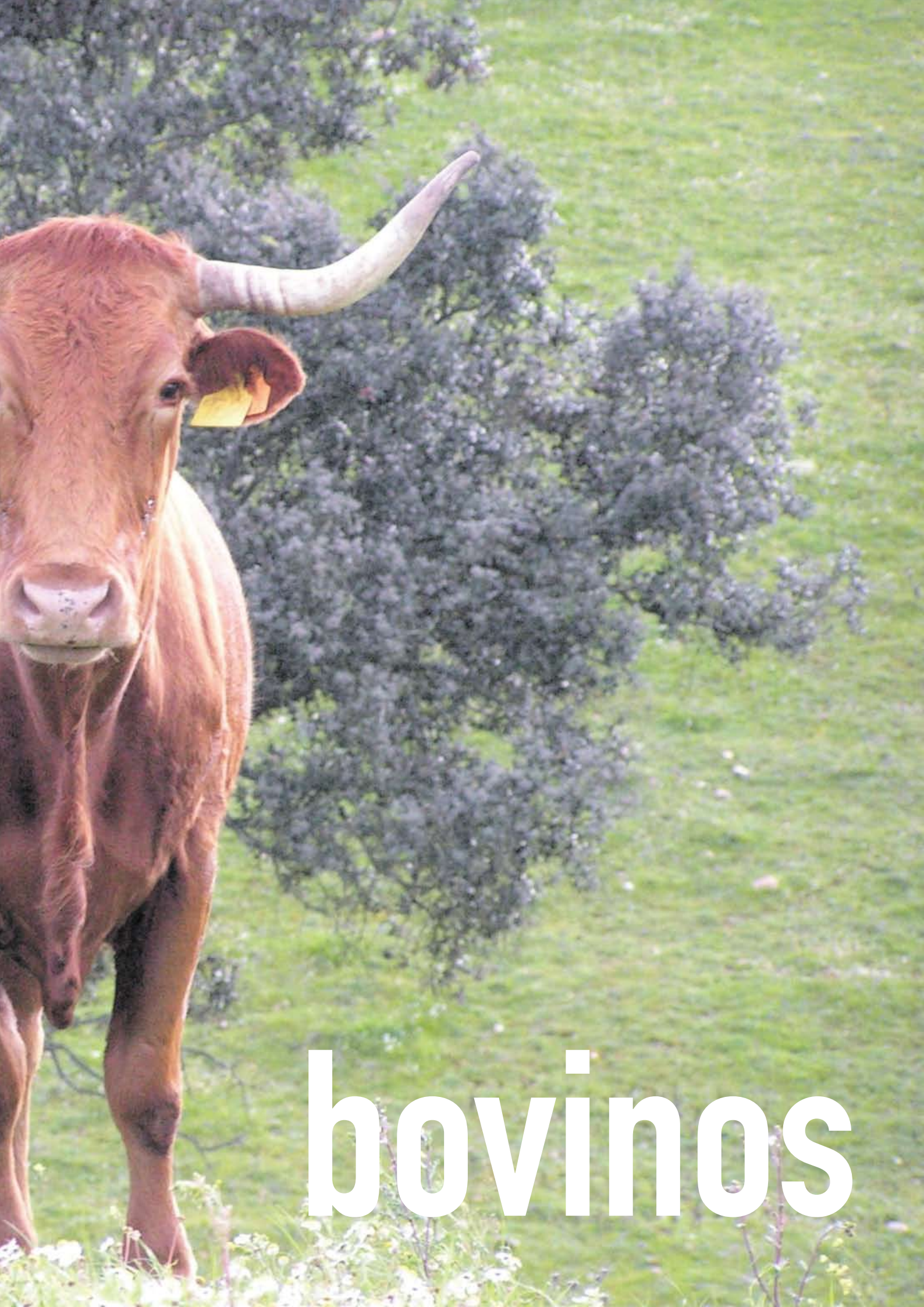
A agricultura tem um papel importante na mitigação das alterações climáticas. A nossa preocupação com o tema é não só prestar a máxima informação útil, com dados objetivos, que permita um maior conhecimento da opinião pública sobre o papel da agricultura, mas também reflectir sobre como é que os agricultores podem contribuir, de uma forma ainda mais eficiente, para a mitigação das alterações climáticas.

O Ministro do Ambiente veio a público defender que é preciso reduzir até 30 por cento o efetivo pecuário de gado bovino até 2050. Em nome da neutralidade carbónica. Como analisa estas declarações?

Essa questão foi uma das que foi debatida no Congresso Luso-Espanhol realizado em Sevilha. E foi demonstrado que isso não é bem assim. Nas nossas regiões (sul da península ibérica), os efetivos pecuários são quase todos criados em extensivo, em pastoreio. A nossa pecuária é basicamente toda de regime extensivo, no campo. E em regime extensivo as coisas não são bem assim como se fazem crer. Estamos a falar de poucas cargas (cabeças) por hectare, ou seja pouca densidade de animais. Nós não temos aqui na nossa zona meia vaca por hectare. O que acontece é precisamente o contrário. A pecuária em extensivo estruma o solo, alimenta-se de pastagens que são naturais ou semeadas. Há aqui grandes benefícios e, julgo que aquilo que o senhor Ministro do Ambiente veio dizer não está provado, antes pelo contrário.



FOTO: JOÃO MADEIRA



bovinos

ACOS cria novo serviço de comercialização de bovinos

Haverá risco maior do que permanecer isolado?

A ACOS criou, em Novembro deste ano, o Serviço de Comercialização de Bovinos, um serviço que permite uma aproximação entre os produtores, de forma agrupada, e o mercado, encurtando distâncias, ganhando dimensão, poder negocial e condições para aceder a novos mercados. Neste serviço é garantida a regularidade do escoamento ao longo do ano e o preço é estabelecido de forma objetiva, tendo como referência os valores semanais da Bolsa da Extremadura Espanhola. Para conhecermos melhor os contornos

deste serviço falámos com Miguel Madeira, médico veterinário, Vice-Presidente da ACOS, responsável por este serviço, que resulta de uma parceria com as cooperativas espanholas de produtores, a BOVIES e a OVIPOR. Transparência, clareza, objetividade e segurança são palavras dadas por Miguel Madeira que sublinha ainda a importância da imprescindível participação ativa dos produtores em todo o processo, de modo a ganhar consistência e condições para evoluir de acordo com as necessidades do setor. E considera um paradoxo a falta de mobilização expressiva dos associados, enquanto produtores, em estruturas que são geridas por produtores.



Depois da experiência, de cerca de ano e meio, na comercialização de ovinos, a ACOS cria o Serviço de Comercialização de Bovinos com escoamento para o exterior. Que benefícios estão subjacentes, à partida, para os produtores sócios da ACOS, na adesão a este novo serviço?

O principal benefício, donde decorrem todos os outros, será o de integrar um grupo cooperativo de dimensão considerável que tem como missão fundamental defender os interesses dos produtores.

Fruto da sua dimensão e do seu poder negocial, este grupo que agora integramos vai permitir-nos aceder a mercados dificilmente alcançáveis se nos mantivéssemos isolados, conseguindo-se assim melhores preços e, não menos importante, uma regularidade destes ao longo do ano, evitando-se a todo o custo as suas descidas abruptas e, quando estas acontecem, pugnando-se para que rapidamente retomem os valores considerados remuneratórios para a produção.

A certeza e a regularidade do escoamento são dois outros benefícios muito valorizados pela produção. Haverá sempre garantia de escoamento, quer quando o mercado está em alta, quer quando está num momento menos favorável, ao contrário do que normalmente acontece na negociação convencional em que os negociantes aparecem e desaparecem a seu bel-prazer.

Outra característica deste sistema de comercialização que gostaríamos de dar especial destaque é a garantia de recebimento por parte do produtor, assumindo a ACOS a responsabilidade do pagamento aos seus associados.

Julgamos que a transparência, a clareza, a objectividade e a segurança que caracterizam as Normas de funcionamento deste serviço da ACOS, inclusivamente no que diz respeito à avaliação dos bovinos e ao estabelecimento dos respectivos preços, são determinantes para que os nossos associados se sintam confiantes dentro deste grupo associativo.

Por último, é ainda importante realçar que nesta nova secção comercial pretende-se que os associados aderentes tenham uma intervenção activa nas definições e nas decisões que venham a implementar-se, porque só com um conjunto de normas adequadas e por todos aceites teremos condições para prosseguir neste projecto.

Leilões de Bovinos

Além deste serviço agora criado, a ACOS já está a organizar os Leilões de Bovinos, que vai manter. Quais são as principais diferenças a destacar entre cada um destes serviços? Um produtor de bovinos, sócio da ACOS, pode usar os dois serviços, conforme as características dos animais ou as necessidades?

São serviços completamente diferentes, começando logo pelo vínculo das partes envolvidas.

Nos leilões não há qualquer obrigação do produtor comparecer com animais, a ACOS também não tem qualquer responsabilidade sobre a consumação da venda dos animais e, caso estes não sejam vendidos no leilão, cabe ao produtor decidir o que fazer com eles, e por último os compradores são livres de comparecer ou não e, caso compareçam, não tem qualquer obrigação de comprar. É, portanto, um sistema de comercialização que, por não haver comprometimento das partes envolvidas, não nos dá segurança na concretização das vendas e nos preços alcançados. E tampouco nos permite almejar ir mais além na cadeia comercial, isto é, chegar o mais próximo possível do consumidor final.

No novo sistema de comercialização há uma clara vinculação das entidades envolvidas (produtores, ACOS e BOVIES), que implica a celebração de um contrato escrito entre as partes, com obrigações a cumprir que estão vertidas nas Normas de Funcionamento aprovadas, como por exemplo a garantia e regularidade no escoamento dos animais, a obrigatoriedade por parte do produtor da comercialização da totalidade da produção por esta via, a metodologia do estabelecimento dos preços dos animais e os prazos de pagamento.

Depois há nos leilões demasiada incerteza e irregularidade nos preços alcançados, enquanto neste novo sistema de comercialização os preços são objectivamente definidos porque têm como referência os valores semanais da Bolsa da Extremadura para os diferentes tipos de animais.

Quanto à questão dos produtores poderem utilizar os dois serviços, convém frisar que no novo sistema de comercialização os produtores aderentes estão obrigados a comercializar a totalidade dos seus bovinos por esta via, com excepção de futuros reprodutores. Portanto, os produtores que optarem por escolher esta forma de comercialização agrupada não poderão comercializar os seus animais por outras vias, incluindo a do leilão, a não ser em situações excepcionais previamente autorizadas pela Direcção da ACOS. Mas, é importante também dizer que não necessitarão de estar preocupados com esta situação porque o novo sistema comercial garantirá o escoamento da totalidade da produção dos seus aderentes.

Convém estarmos cientes que o objectivo deste projecto é facilitar a vida aos nossos associados e não arranjar entraves.

E como sabemos que a sofisticação dos sistemas de comercialização participados pela produção são processos demorados porque necessitam de tempo para ganharem a confiança dos produtores e consolidarem-se, manteremos os leilões em funcionamento para possibilitar o escoamento de alguns bovinos dos nossos associados por esta via.



A certeza e a regularidade do escoamento são dois outros benefícios muito valorizados pela produção. Haverá sempre garantia de escoamento, quer quando o mercado está em alta, quer quando está num momento menos favorável



Período experimental

A comercialização organizada de Bovinos que agora está a iniciar-se também tem, a exemplo do serviço de ovinos, um período experimental?

Sim. Apesar deste sistema de comercialização estar já bastante amadurecido em Espanha, onde os períodos de vinculação dos produtores são de pelo menos 4 anos, entendemos que, por ser uma abordagem comercial nova em Portugal, seria aconselhável termos um período de adaptação, chamemos-lhe experimental, que mais não é do que um período para afinar pormenores operacionais e administrativos.

No final deste período faremos em conjunto um balanço do ano de trabalho, aperfeiçoaremos o que for necessário e continuaremos a trabalhar sempre numa perspectiva de melhoria contínua.

O serviço comercial de Ovinos permitiu algum tipo de eco por parte de outros produtores (além dos sócios) e de estruturas nacionais congêneres da ACOS? Manifestações de interesse, propostas de cooperação, parcerias?

Sim, houve vários produtores, sócios e não sócios da ACOS, bem como outras organizações da produção que manifestaram interesse em conhecer o modo de funcionamento deste sistema de comercialização de ovinos.

No entanto, há aqui algo de paradoxal porque, apesar das muitas manifestações de interesse e da comprovada eficácia do sistema após um ano de trabalho, o número de adesões ficou, na minha opinião, aquém do esperado. Talvez isto se explique pelo que acima referi e que tem que ver com a demora na assimilação da bondade destes sistemas de comercialização associativa e a demasiada “prudência” dos produtores que daqui decorre. Na prática, os produtores querem ver como corre o projecto para depois, se correr bem, aderirem. Ou seja, não querem arriscar. Mas haverá risco maior do que permanecer isolado à mercê de um mercado cujos operadores não estão minimamente preocupados com a salvaguarda dos interesses dos produtores?

Com frequência, nas alturas em que os mercados estão em “baixa”, os nossos produtores queixam-se que as suas organizações não tomam medidas para inverter a situação, mas, depois quando algumas destas tomam a iniciativa de avançar com projectos para resolver estes problemas e que precisam, para tal, da mobilização dos associados, estes, surpreendentemente, não aderem!

Algo de estranho se passa aqui e que, entre todos, temos que tentar perceber a sua génese. Talvez a solução passe pela partilha de mais informação e por ações de formação ou de esclarecimento que permitam aos produtores ficarem mais cientes das vantagens de estarmos agrupados.



Valorização da produção

A comercialização organizada, com ganhos de dimensão e de poder negocial, é um dos passos para a valorização da produção. Depois de se criar experiência nesta fase, acha que há condições para avançar para outras formas de valorização da produção?

Sím. O objectivo destes grupos cooperativos é o de chegar o mais próximo possível do consumidor final e acrescentar valor aos nossos produtos. Para tal é necessário enveredarmos pela transformação da produção, o que só é alcançável, face às suas exigências, se integrados em estruturas associativas deste género. Na lã, por exemplo, a cooperativa onde estamos integrados já avançou para a lavagem e fiação. Quem sabe se num futuro próximo não poderemos ter uma marca própria de fio de lã Merina do sudoeste peninsular?

Por falar em lã, os serviços da ACOS de comercialização organizada englobam ainda a comercialização desta matéria-prima. Que dados podemos destacar neste momento sobre este serviço? Que mais-valias já foram conseguidas em termos de valorização da lã?

O serviço de valorização e comercialização da lã da ACOS é de todos os serviços comerciais o mais antigo, uma vez que esta Associação está envolvida na comer-



O objectivo destes grupos cooperativos é o de chegar o mais próximo possível do consumidor final e acrescentar valor aos nossos produtos. Para tal é necessário enveredarmos pela transformação da produção, o que só é alcançável, face às suas exigências, se integrados em estruturas associativas deste género.

cialização deste produto praticamente desde a sua fundação, fruto de uma delegação de funções do antigo IROMA.

Depois de um período de decréscimo acentuado da lã concentrada no nosso armazém entre 2007 e 2012, em boa hora tomámos a decisão de tentar inverter esta tendência.

A estratégia passou por, em 2012, associarmo-nos a uma Cooperativa Espanhola - Comercial Ovino - especializada em lã e por começar a prestar um serviço de tosquia totalmente diferenciado.

A adesão ao serviço de tosquia foi impressionante, tendo as equipas da ACOS tosquiado em 2018 cerca de 125000 ovelhas, e a inversão daquela tendência foi imediata, passando-se das 34 toneladas de lã concentrada em 2012 para as 280 toneladas em 2018.

Mais uma vez, a vantagem passa por estarmos associados a um grupo cooperativo de grande dimensão, altamente profissionalizado e especializado, que concentra, escolhe, embala e comercializa 5 Milhões de kg de lã por ano, e que por esta razão tem uma capacidade negocial que lhe permite valorizar significativamente este tão nobre produto.

E isto reflecte-se obviamente no valor da lã recebido pelos nossos associados, que tem sido significativamente superior nos últimos anos, ao ponto da operação tosquia/venda de lã deixar de representar um prejuízo e passar a ser uma mais-valia para as explorações pecuárias.

NORMAS DE FUNCIONAMENTO INTERNO DA SECÇÃO COMERCIAL DE BOVINOS

ACOS – Associação de Agricultores do Sul

“As normas são para cumprir, se não, mudam-se”

1. OBJECTO

O presente documento define as normas de funcionamento interno da secção comercial de bovinos da ACOS – Associação de Agricultores do Sul (adiante abreviadamente designada por ACOS).

2. CONDIÇÕES DE ADESAO

2.1. A presente secção é reservada a Associados da ACOS que sejam proprietários de bovinos e de uma exploração bovina.

2.2. A adesão à presente secção depende da aceitação incondicional e expressa das normas de funcionamento em vigor no momento da inscrição.

2.3. A ACOS reserva o direito de unilateralmente recusar o registo de qualquer pessoa que, de acordo com o seu exclusivo entendimento, entenda não reunir as condições exigidas pelas presentes normas de funcionamento.

3. OBRIGAÇÕES DOS MEMBROS

São obrigações dos membros da secção comercial:

3.1. Cumprir escrupulosamente com o disposto nas normas de funcionamento;

3.2. Pagar atempadamente a quota anual;

3.3. Comunicar atempadamente à ACOS qualquer circunstância que possa afectar o cumprimento do disposto nas presentes normas de funcionamento ou na legislação ou regulamentação aplicável.

4. DURAÇÃO

A adesão à secção comercial implica uma fidelização do membro da secção comercial à mesma por um período mínimo de um ano.

5. CONTRIBUIÇÃO PARA A ACTIVIDADE DE COMERCIALIZAÇÃO E QUOTIZAÇÃO ANUAL

5.1. Em cada venda é deduzido 1% sobre o valor facturado, reflectindo-se esta dedução no momento da liquidação ao sócio. Este montante destina-se a cobrir parcialmente os gastos da ACOS com a actividade de comercialização de bovinos.

5.2. Nas vendas de bovinos adultos de refúgio são descontados € 20 (vinte euros) por animal transaccionado (para além do 1% referido no ponto anterior), montante que se destina a cobrir parcialmente os gastos da ACOS e da OVIPOR com a actividade de comercialização de bovinos.

5.3. A presente secção comercial tem associada uma quota anual de € 9 (nove euros) por vaca parida, a qual deverá ser liquidada em três prestações de € 3 (três euros) com datas de vencimento em 1 de Abril, 1 de Agosto e 1 de Dezembro de cada ano. Esta quota é repartida em partes iguais pela ACOS e pela OVIPOR.

5.4. A referida quota é cobrada ao membro da secção

comercial pela prestação dos serviços facultados pela ACOS no âmbito da comercialização dos seus bovinos.

5.5. A quota prevista em 5.3 poderá ser actualizada anualmente, comprometendo-se a ACOS a não proceder a qualquer actualização no curso do primeiro ano.

5.6. As vacas contabilizadas em cada quadrimestre serão as que já pariram pelo menos uma vez na vida. Esta contabilização será efectuada por consulta à base de dados oficial de registo dos bovinos – SNIRA.

6. CESSAÇÃO OU TRANSMISSÃO DE ACTIVIDADE

6.1. Em caso de transmissão da exploração a familiares ou terceiros, o membro da secção comercial poderá transmitir os seus direitos dentro da secção desde que os novos titulares sejam Associados da ACOS e acatem as presentes normas.

6.2. Em caso de morte do membro da secção comercial ou cessação da exploração, sem que haja transmissão para terceiros, a adesão à presente secção comercial caduca.

7. COMERCIALIZAÇÃO DOS BOVINOS

7.1. O membro da secção comercial compromete-se a comercializar toda a sua produção através da ACOS, incluindo os bovinos de refúgio para abate, com excepção do gado que deixe para reposição ou venda para reprodução. Neste último caso, deverá comunicá-lo por escrito e facultar cópia da guia de saída destes animais.

7.2. O incumprimento desta regra acarretará a penalização do membro da secção com uma sanção de € 10 (dez euros) por animal comercializado irregularmente por este e, em caso de reincidência, será motivo de expulsão da secção, perdendo neste caso qualquer direito dentro desta.

7.3. O membro da secção comercial compromete-se a informar a ACOS do número de bovinos que tem para entregar com 1 mês de antecedência.

7.4. A ACOS comunicará telefonicamente, ou por outro meio de comunicação expedito acordado entre as partes, a data, lugar e hora aproximada da recolha, que normalmente será no mês seguinte ao da oferta.

7.5. Os custos de transporte dos bovinos da exploração de origem até ao Centro de Agrupamento indicado pela ACOS são por conta do produtor.

7.6. A título de comparticipação para o transporte entre o Centro de Agrupamento indicado pela ACOS e o Centro de Classificação da BOVIES, será atribuído o montante de € 8,50 (oito euros e cinquenta cêntimos) por bezerro(a), sendo o remanescente do custo do transporte suportado pelo produtor.

7.7. O custo do transporte dos bovinos adultos para o matadouro são por conta do comprador.

7.8. As intervenções sanitárias oficialmente exigidas

para a movimentação dos animais serão suportadas pelo produtor.

7.9. Os bovinos que procedam de explorações com Estatuto Sanitário não Oficialmente Indemne poderão sofrer atrasos na sua recolha, não garantindo a ACOS a comercialização destes animais.

7.10. Definição dos preços de comercialização:

Bezerros(as):

7.10.1. Os bezerro(as), depois de chegados ao Centro de Classificação da BOVIES, serão pesados e classificados individualmente em 4 categorias: primeira, segunda, raça autóctone e sem classificação.

7.10.2. O preço dos animais classificados na primeira categoria é calculado da seguinte forma: para os machos é considerado o valor máximo desta categoria da Bolsa da Extremadura na semana anterior à do carregamento, acrescido de € 0,15 (quinze cêntimos) por kg de peso vivo e para as fêmeas é considerado o valor máximo desta categoria da Bolsa da Extremadura na semana anterior à do carregamento, acrescido de € 0,09 (nove cêntimos) por kg de peso vivo.

7.10.3. O preço dos animais classificados na segunda categoria é calculado da seguinte forma: para os machos é considerado o valor máximo desta categoria da Bolsa da Extremadura na semana anterior à do carregamento, acrescido de € 0,09 (nove cêntimos) por kg de peso vivo e para as fêmeas é considerado o valor máximo desta categoria da Bolsa da Extremadura na semana anterior à do carregamento, acrescido de € 0,03 (três cêntimos) por kg de peso vivo.

7.10.4. O preço dos animais classificados como raça autóctone poderá ser o valor da Bolsa da Extremadura na semana anterior à do carregamento, para a segunda categoria ou para a categoria raça autóctone, em função da sua qualidade.

7.10.5. Os animais sem classificação não são valorizados.

7.10.6. O preço acordado é para bezerros(as) de 200 kg de peso vivo.

7.10.7. Não se descontará 3% ao peso vivo para o conteúdo gastrointestinal sempre que os animais sejam pesados no dia seguinte ao da sua recepção.

7.10.8. Os bezerros(as) com mais de 200 kg não “cederão” kg àqueles com menos de 200 kg.

7.10.9. Os kg acima dos 200 kg da média do lote serão pagos a metade do preço acordado (Ex: um lote de bezerros(as) com 250 kg de média é pago com se tivesse 225 kg).

7.10.10. No caso dos bezerros(as) cujo peso individual ultrapasse os 300 kg, os kg acima dos 300 kg não serão pagos e não contribuem para a média do lote (Ex: um bezerro com 310 kg é considerado como se tivesse 300 kg, logo é pago como se tivesse 250 kg).

7.10.11. Não são admitidos bezerros(as) com peso vivo

inferior a 180 Kg.

7.10.12. Os bezerros(as) com pesos compreendidos entre o 180 kg e os 200 kg serão pagos pelo peso real que apresentam no momento da pesagem, de acordo com a definição dos preços de comercialização descrita no Ponto 7.10 e tendo como referência os valores da Bolsa da Extremadura para os 200 kg.

Novilhos, novilhas e bovinos adultos para abate:

7.10.13. Os preços serão definidos caso a caso, dependendo da qualidade dos animais e da cotação de mercado no momento da venda. Previamente ao carregamento dos animais, o produtor aderente será sempre informado do preço alcançado.

8. MARCAÇÃO DOS ANIMAIS

8.1. No momento do carregamento os animais deverão estar separados por detentor e identificados com os meios de identificação legalmente exigidos para a movimentação.

8.2. Para além dos brincos, os animais poderão ser marcados com tintas autorizadas que diferenciem umas partidas das outras.

9. DOCUMENTAÇÃO

9.1. O membro da secção comercial autoriza, desde já, o acesso, pela ACOS, aos seus dados do SNIRA para consulta da composição do efectivo bovino e dos movimentos efectuados.

9.2. O membro da secção comercial, no momento da carga, deverá facultar a documentação administrativa e sanitária que seja necessária em cada momento.

9.3. Os animais deverão estar perfeitamente sãos e os membros da secção comercial deverão avisar de qualquer suspeita de anomalia para que sejam tomadas as medidas necessárias em cada caso.

10. RAÇÃO

Os bovinos, jovens e adultos, das explorações integradas nesta secção, deverão consumir a ração indicada pela ACOS.

Estes bovinos serão engordados em regime intensivo, consumindo exclusivamente rações controladas, nomeadamente no que respeita aos aditivos, razão pela qual é norma obrigatória o consumo da ração prescrita pela ACOS.

11. BAIXAS

As baixas que ocorram nas quarenta e oito horas seguintes à entrada dos animais no centro, ou posteriores, atribuíveis ao estado de entrega dos animais, serão por conta do membro da secção comercial, com excepção das produzidas por traumatismos ou outros acidentes de transporte ou de maneio.

12. PAGAMENTOS

12.1. Os pagamentos dos bezerros(as) e dos bovinos adultos para abate são efectuados no dia 10 do mês seguinte ao do carregamento.

12.2. O prazo de pagamentos dos novilhos(as) para abate dependerá do negociado com o comprador, rondando em média os 30 dias após o carregamento.

12.3. O produtor receberá o preço definido de acordo com o descrito no ponto 7.10, descontando deste valor:

12.3.1. os custos inerentes ao processo de exportação;

12.3.2. e os custos de transporte dos bovinos até ao Centro de Tipificação indicado pela ACOS, no caso do produtor solicitar este transporte a esta associação.

12.3.3. A facturação será efectuada logo que os dados do Centro de Classificação da BOVIES sejam disponibilizados.

13. INFORMAÇÃO ADICIONAL

13.1. Custos com a exportação:

13.1.1. Certificado Sanitário Oficial — € 25,00 (vinte e cinco euros). A Direcção Geral de Alimentação e Veterinária emite um Certificado por Marca Oficial de Exportação e por Detentor;

13.1.2. Taxa SIRCA — € 7,50/bovino até 12 meses de idade e € 12,50/bovino com 12 ou mais meses de idade;

14. EXCLUSÃO DE MEMBROS

14.1. A ACOS reserva o direito de cancelar a inscrição de quaisquer membros que não cumpram as normas de funcionamento, bem como de todos aqueles que façam um uso indevido do programa.

14.2. Em caso de cancelamento, o membro perde o direito às condições previstas nas presentes normas de funcionamento, sem direito a qualquer compensação ou ao reembolso de quaisquer valores pagos.

15. CANCELAMENTO E ALTERAÇÕES

15.1. A ACOS reserva o direito de revogar e/ou modificar, na totalidade ou parcialmente, as normas de funcionamento.

15.2. O cancelamento ou alterações das normas de funcionamento serão comunicadas aos membros por carta registada com aviso de recepção.

15.3. A revogação e/ou as modificações serão comunicadas aos membros com, pelo menos 15 (quinze) dias de antecedência sobre a data em que se pretende que produzam efeitos, prazo que as partes consideram razoável.

15.4. Os membros que não concordem com as alterações introduzidas aos termos e condições de utilização poderão, a todo o tempo, cancelar o seu registo na secção comercial.

16. REDUÇÃO

A nulidade, anulabilidade ou qualquer outra causa de invalidade de alguma das disposições das normas de funcionamento não determina a invalidade das restantes, excepto se relacionado com a responsabilidade da ACOS.

17. PROTECÇÃO DE DADOS

17.1. A ACOS assegura o cumprimento do disposto no Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho (RGPD) e demais legislação vigente em matéria de protecção de dados pessoais, no tratamento dos dados pessoais que venha a efectuar.

17.2. No âmbito do funcionamento da secção comercial

de bovinos serão, em concreto, tratados dados relativos a identificação, nomeadamente, nome, morada, número de contribuinte, telefone e e-mail.

17.3. A ACOS declara para os devidos efeitos que a legitimidade para o tratamento dos dados pessoais em causa assenta quer no cumprimento de obrigação legais a que se encontra sujeita, quer na normal execução das regras de funcionamento desta secção comercial, nomeadamente, envio de convocatória, agendamento de reuniões e emissão de facturas.

17.4. Adicionalmente, os membros concedem, de forma expressa, o seu consentimento para que os seus dados pessoais fornecidos à ACOS, quer no momento da sua admissão, quer aqueles que sejam obtidos posteriormente, sejam tratados pela ACOS para as finalidades de organização e tratamento interno, comercialização, divulgação de informação técnica, acções de formação, marketing, newsletters e divulgação de eventos, as quais podem ter lugar, quer por e-mail, carta ou contacto telefónico.

17.5. Para efeito da presente cláusula, a ACOS declara que apenas poderão ter acesso aos dados dos membros a Direcção e os trabalhadores que, dentro da organização, necessitem dos mesmos para prosseguimento das finalidades referidas nos números anteriores, nunca sendo transferidos para entidades terceiras.

17.6. Os dados pessoais serão conservados pelo período de associação do membro da ACOS, arrogando-se a ACOS no direito de conservar tais dados após cessação de tal vínculo caso o mesmo se revele necessários, quer por existência de dívidas do membro, quer por permanecerem valores por pagar pela ACOS, quer por qualquer outro litígio.

17.7. Os membros têm direito de acesso aos seus dados pessoais e à sua rectificação, modificação, correcção, apagamento, limitação do tratamento e exclusão dos seus dados pessoais, bem como a solicitar esclarecimentos e/ou opor-se ao processamento de dados pessoais por razões legítimas, e ainda à portabilidade dos seus dados (quando aplicável).

17.8. O exercício dos direitos referidos no número que antecede deverá ser efectuado junto da Direcção da ACOS ou, fazendo-o por escrito, para o endereço postal da ACOS ou através de mensagem de correio electrónico para o endereço geral@acos.pt, na qual efectue a sua identificação e indique a situação que constitui objecto da sua solicitação.

17.9. Os membros declaram ter tomado conhecimento de que têm direito de apresentar reclamação à autoridade de supervisão.

18. JURISDIÇÃO E LEI APLICÁVEL

As normas de funcionamento encontram-se regidas pela lei portuguesa e quaisquer litígios relativos à sua interpretação, aplicação ou cessação serão dirimidos pelo Tribunal da Comarca de Beja, com expressa renúncia a qualquer outro.

Serviço de Formação Profissional da ACOS com balanço positivo

Formação e educação como promotores da sustentabilidade local

O Serviço de Formação Profissional da ACOS, com uma missão que é transversal a toda a atividade da Associação, tem como meta a melhor capacitação dos recursos humanos de modo a responder de forma mais adequada às novas exigências e desafios laborais, com especial destaque no setor agrícola. A abrangência da Formação Profissional da ACOS engloba todo o Alentejo.

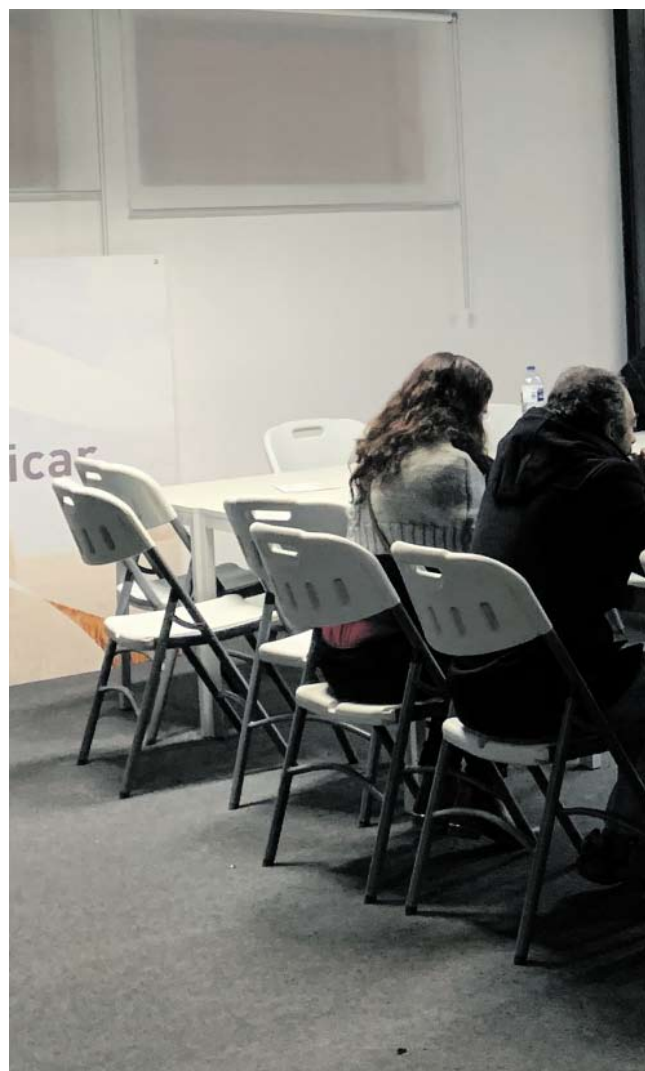
A coordenadora do Serviço de Formação, Ana Carapinha, faz, em relação a 2018, “um balanço positivo da qualidade da formação e das metas de execução alcançadas em termos de número de formandos certificados e volume de formação”.

Estes resultados devem-se, conforme sublinha a responsável do Serviço, “ao grande empenho da ACOS na formação e educação como promotor da modificação de comportamentos e aprendizagens que promovam a sustentabilidade e melhoria do emprego local”.

Para além das inúmeras ações de formação realizadas, Ana Carapinha adianta que “durante este ano foram desenvolvidas parcerias por toda a Região Alentejo, com um retorno muito gratificante em termos da gestão de recursos humanos e materiais. Foi possível chegarmos mais perto dos agricultores, através do envolvimento das entidades locais, como por exemplo as juntas de freguesia, cooperativas e associações de agricultores”.

São muitas as ações de formação que tiveram procura regular e contínua ao longo do ano, muitas delas por imposições da legislação em vigor, com o propósito de incutir e salvaguardar procedimentos de segurança. Entre as várias áreas de interesse, houve uma maior procura pelas ações de “Conduzir e Operar o trator em Segurança”, tendo a ACOS certificado cerca de 700 formandos, só nesta temática. Seguiu-se a procura pela formação de Jovem Agricultor, Transporte de Animais, Aplicação de Produtos Fitofarmacêuticos e pelas novas culturas como o amendoal”, acrescentou ainda a Coordenadora do Serviço de Formação Profissional.

No que diz respeito à programação para o próximo ano, Ana Carapinha destaca que “a partir de janeiro de



2019, a ACOS prevê manter a sua oferta formativa nas áreas mencionadas, e pretende iniciar os cursos EFA - Educação e Formação de Adultos - de Técnico/a de Produção Agropecuária, nos concelhos de Beja e Avis, Técnico/a Vitivinícola, no concelho de Évora e Técnico/a de Recursos Florestais e Ambientais, programado para o concelho de Mértola. Esta formação confere dupla certificação (escolar - 12º ano de escolaridade e profissional), e a sua frequência permite o acesso a bolsa de formação, subsídio de alimentação e transporte, quando aplicável”.



Durante este ano foram desenvolvidas parcerias por toda a Região Alentejo, com um retorno muito gratificante em termos da gestão de recursos humanos e materiais. Foi possível chegarmos mais perto dos agricultores, através do envolvimento das entidades locais, como por exemplo as juntas de freguesia, cooperativas e associações de agricultores”.



Ana Carapinha destaca ainda que “para os Desempregados de Longa Duração, a ACOS apresenta oferta formativa nas seguintes temáticas: Mecanização Básica e Condução de Veículos Agrícolas (confere licença de condução de veículos agrícolas de categoria II ou III), Tosquia de Ovinos e Turismo Rural e Desenvolvimento Local. Estas ações visam essencialmente a promoção da empregabilidade”.

A nível técnico, o Serviço de Formação Profissional da ACOS tem previstas ações de formação e/ou sensibilização na área da Agricultura de precisão e nas certifi-

cações dos produtos agrícolas.

Tendo em conta a missão da ACOS junto dos seus associados e com contributos para a região, Ana Carapinha salienta ainda que, “para os mais novos, a ACOS encontra-se particularmente interessada em divulgar a sustentabilidade dos ecossistemas, como o montado, a biodiversidade e as alterações climáticas, tema central da Ovibeja 2019. Neste sentido, a ACOS tem vindo a promover ações em eventos locais, como a BejaEduca (em parceria com o Agroturismo XISTOS) e nas Escolas.

Laboratório de Química da ACOS analisa parâmetros de qualidade da azeitona, azeite e bagaço de azeitona

O apelo dos sentidos numa viagem ao mundo do rigor e da objetividade

É alimentar. Base da Dieta Mediterrânica. E já é considerado um produto de referência no mundo. Porque cada vez mais há uma maior atenção à qualidade. Porque resulta de um trabalho em rede. Falamos da azeitona e do azeite produzidos no Alentejo. E dos parâmetros de qualidade avaliados de forma objetiva e rigorosa no Laboratório de Química da ACOS.

A apanha da azeitona é uma atividade do campo conhecida ou já observada pela maioria das pessoas que vivem ou trabalham na região. O mesmo não acontece com o trabalho num laboratório, em concreto, no Laboratório de Química da ACOS, que funciona de mãos dadas com a produção e com a atividade de transformação da azeitona em azeite,



No Laboratório de Química da ACOS trabalha-se a qualidade com rigor, com isenção, com métodos de avaliação rápida e com métodos de referência.

nos lagares. Para perceber como funciona e para entender a sua importância, entrámos no Laboratório. Entramos para o conhecer melhor e somos, de imediato, cativados pelo cheiro a pasta de azeitona, a azeite, a alimento que em algum ponto toca memórias de gratificação e de partilha, de crescimento. A verdade é como o azeite, ou o azeite é a verdade da nossa mesa, por isso a importância da sua qualidade.

No Laboratório de Química da ACOS trabalha-se a qualidade com rigor, com isenção. Acreditado pelo IPAC – Instituto Português de Acreditação, o Laboratório é procurado por produtores individuais, empresas ou lagares de vários pontos do país e até dos nossos vizinhos espanhóis.

Para dar resposta aos crescentes pedidos de análises à azeitona, ao azeite e ao bagaço de azeitona, que aumentaram significativamente, o Laboratório de Química da ACOS está a laborar 24 sobre 24 horas, com equipas rotativas de 5 a 7 elementos cada. À equipa fixa do Laboratório juntaram-se, para a época da campanha, e a exemplos dos anos anteriores, vários técnicos contratados para o efeito, maioritariamente jovens.

À sala de receção do Laboratório chegam em cada dia várias centenas de sacos de azeitona, cada um dos quais com um peso aproximado de meio quilo. Já vêm etiquetados pelos clientes.

A entrada da azeitona, ou do azeite, ou do bagaço de azeitona no Laboratório carece de mais uma etiqueta. Esta é interna, com um código de barras. Sem quaisquer dados sobre de onde ou de quem vem.

Da sala de receção, as amostras são conduzidas para uma outra, logo a seguir, onde as azeitonas (uma parte de cada saco) são trituradas, separadamente, num moinho que as transforma em pasta. Colocada numa taça de plástico redonda, cada pasta tem uma cor diferente, desde o castanho muito escuro, quase preto, até ao castanho mais claro, ou com tons esverdeados, numa grande paleta de cores. O cheiro aqui é a azeitona, que pode ser mais verde ou mais madura, que pode ser



galega, carrasquenha, cordovil, picual, cobrançosa ou verdeal. Desta sala as pastas seguem em carrinhos de rodas para a terceira sala do Laboratório. Aqui há computadores e muitos equipamentos de precisão. De um lado estão os equipamentos de leitura rápida, do outro lado estão os que são usados para os métodos de referência.

Cada pasta ou cada “bolo” é separado em pequenas quantidades, com espátulas, para placas de petri, ou para tubos de ensaio, conforme os tipos de análises solicitados. Os tubos, pequenos frascos redondos com tampa, são colocados na centrífugadora de modo a separar o azeite da polpa e caroços triturados. A partir daqui cada uma destas partes pode seguir ainda, conforme os tipos de parâmetros pedidos, para dentro de outro tipo de equipamentos. É ainda nesta sala que são analisados pequenos retângulos de bagaço de azeitona, que sobre uma folha de alumínio são colocados numa estufa por um tempo determinado. O propósito é avaliar o teor de perdas de azeite no bagaço, dados que são usados para afinação dos equipamentos dos lagares. Aqui o cheiro a diferentes tipos de azeite e a pasta quente faz lembrar uma casa cheia de alegria à volta da mesa.

Mas os resultados que daqui advêm são muito objetivos. Os que são obtidos relativamente à humidade e à acidez da azeitona e do azeite, são transmitidos ao produtor dentro de 24 horas.

No Laboratório, o trabalho não pára mas reina a boa disposição que resulta da articulação de cada equipa e entre equipas. O Laboratório que recebe e analisa amostras é, ele próprio, uma amostra do trabalho em rede que se faz no Alentejo desde o olival até ao lagar. Por essa razão, um dos maiores especialistas internacionais do mundo olivícola, Juan Vilar, que participou recentemente nas Jornadas Olivum, em Beja, afirmou que o Alentejo é a região do mundo onde melhor se trabalha o olival e Portugal um dos países com maior eficiência conseguida em toda a fileira. JG



Laboratório é ferramenta incontestável na gestão da qualidade

É de eficiência e de rigor que a responsável do Laboratório de Química da ACOS, Helena Monteiro, nos fala quando se refere ao papel do laboratório “como ferramenta incontestável” na gestão da

qualidade tanto na produção, como na fase de laboração (nos lagares), para dar resposta aos desafios, cada vez mais rigorosos, da fileira oleícola.

Criado há seis anos, o Laboratório de Química foi uma aposta da ACOS, então

inovadora, para responder às exigências de qualidade do azeite e da azeitona que se impõem, quando a meta é produzir, promover e divulgar um produto de excelência, tanto para o mercado nacional, como exportador.

36ª Ovibeja

Com “Todo o Alentejo deste Mundo” em resposta a novos desafios

Espaço de diálogo e de inovação, a 36ª Ovibeja, a decorrer de 24 a 28 de Abril de 2019, desafia nesta edição a uma abordagem conjunta da problemática das alterações climáticas, para além de constituir, como sempre, uma mostra de excelência dos produtos do mundo rural. Neste sentido, a organização está já a receber inscrições para o 9º Concurso Internacional de Azeites Virgem Extra – Prémio CA Ovibeja. Também já estão abertas as inscrições para os espaços expositivos, sendo já muitas as manifestações de interesse por parte dos expositores



O papel inovador da Ovibeja vai ser colocado à prova na abordagem de um tema que está na ordem do dia: as alterações climáticas e os contributos, à luz do conhecimento e da inovação, sobre a sua mitigação e reversão. O papel dos agricultores é fundamental, enquanto guardiões da biodiversidade – valor fundamental da sua atividade – na proteção do espaço rural, na criação de condições que salvaguardem o equilíbrio entre a atividade produtiva e a proteção do meio ambiente. Mas cabe a todos, sem exceção, o delicado papel de contribuir para a construção de um planeta mais sustentável e limpo.

Quando cada um de nós se senta à mesa tem atrás de si um longo percurso de produção, transformação e distribuição dos produtos alimentares. Na base estão os agricultores com a delicada tarefa de responder aos desafios de produzirem mais e melhor. A população mundial está a aumentar e é por isso necessário aumentar a produção e a eficiência.

Como fazer? A Comissão Organizadora da Ovibeja está a desenvolver parcerias de cooperação e a convidar especialistas, nacionais e internacionais, para abordagem multidisciplinar do tema. Investigadores, agrónomos, geógrafos, estudantes, agricultores, entre peritos de muitas outras áreas de saber e de trabalho, vão participar em colóquios, seminários, workshops,



A Comissão Organizadora da Ovibeja está a desenvolver parcerias de cooperação e a convidar especialistas, nacionais e internacionais, para abordagem multidisciplinar do tema. Investigadores, agrónomos, geógrafos, estudantes, agricultores, entre peritos de muitas outras áreas de saber e de trabalho, vão participar em colóquios, seminários, workshops, apresentar estudos, debater, revelar exemplos de mais-valias do trabalho em rede, à escala regional, nacional, ibérica e a um nível ainda mais alargado a nível internacional”



apresentar estudos, debater, revelar exemplos de mais-valias do trabalho em rede, à escala regional, nacional, ibérica e a um nível ainda mais alargado a nível internacional.

Internacional é também o 9º Concurso de Azeites Virgem Extra – Prémio CA Ovibeja (com o patrocínio do Crédito Agrícola), um dos melhores do mundo, que já tem abertas as inscrições para lotes de azeites provenientes de produtores individuais, sociedades olivícolas, lagares, cooperativas e grupos empresariais dos diversos países produtores. Competitividade e Internacionalização são vetores apontados pelos organizadores – a ACOS em parceria com a Casa do Azeite – como estímulo à cultura de excelência dos azeites nacionais.

A Ovibeja, uma das mais importantes feiras agrícolas do nosso país, tem cada vez mais demonstrações de interesse por parte de empresas nacionais e, em crescendo espanholas, para a divulgação dos seus produtos e serviços. O Secretariado já está a funcionar em pleno para prestar informações sobre condições de participação e envio da documentação necessária à tomada de decisão. Mais informações em www.ovibeja.pt ou ovibeja@acos.pt.

A organização da 36ª Ovibeja é da responsabilidade da ACOS – Associação de Agricultores do Sul.

Para os interessados em participar na Ovibeja os contactos telefónicos são os seguintes: 284 341 087 | 962 297 254.

Org



Organización
cooperativas
agro-alimentarias

FADS





congresso

8 e 9 de Novembro, Sevilha

I Congresso Luso-Espanhol de Pecuária Extensiva foi um êxito

“

O setor da pecuária em extensivo [tem] de continuar a organizar-se para se tornar mais forte tanto a nível da produção, como da transformação. E a necessidade de garantir que a próxima reforma da PAC trate de forma justa este setor, historicamente esquecido.

M

uito participado, com cerca de 500 profissionais de toda a Península Ibérica, dos quais cerca de 100 eram do Alentejo, o I Congresso Luso-Espanhol de Pecuária em Extensivo, realizado em Sevilha a 8 e 9 de Novembro, proporcionou a realização de uma radiografia ao setor, em todas as suas vertentes,

numa óptica transfronteiriça. Entre as numerosas questões identificadas como instrumentos de trabalho para o futuro, duas delas foram assinaladas como questões chave: a necessidade de apostar na comunicação e no marketing para consciencializar os consumidores sobre os incalculáveis benefícios ambientais, sociais e económicos provenientes da pecuária extensiva. E, por outro lado, a urgência em estabelecer mecanismos de diferenciação dos produtos do montado/dehesa.

Em forma de conclusão, foi ainda destacada a necessidade de o setor da pecuária em extensivo ter de continuar a organizar-se para se tornar mais forte tanto a nível da produção, como da transformação. E a necessidade de garantir que a próxima reforma da PAC trate de forma justa este setor, historicamente esquecido.

De destacar que a ACOS foi entidade co-organizadora deste evento e, nessa condição, levou a Sevilha uma delegação de cerca de 70 sócios e investidores.

**O futuro da pecuária em extensivo
passa pela diferenciação dos seus produtos
e pela comunicação**

Depois de dois dias de intenso trabalho, todos os intervenientes na cerimónia de encerramento foram coincidentes em relação ao êxito deste evento singular. O Secretário Geral de Agricultura e Alimentação do Conselho de Agricultura, Pesca e Desenvolvimento Rural Espanhol, assegurou que “se trata de um desafio importantíssimo, sendo fundamental proteger as produções e que o consumidor conheça, a todo o momento, o que está a comer”. O mesmo tinha sido manifestado anteriormente pela vice-presidente da Comissão de Agricultura do Parlamento Europeu, Clara Aguilera Garcia, que interveio na mesa redonda



“

As entidades organizadoras manifestaram interesse em que as administrações de ambos os lados da fronteira consigam trabalhar em conjunto, tendo em conta o benefício para os produtores e explorações pecuárias, dado que delas depende a vida e economia de centenas de pequenas povoações (...), a biodiversidade da flora e da fauna, o património cultural, sem esquecer a ação exercida pelo manejo animal em extensivo contra as alterações climáticas e a prevenção de incêndios”





imediatamente anterior à sessão de encerramento. No seu discurso defendeu a identificação da origem dos produtos do montado/dehesa e o seu modelo produtivo, a fim de diferenciá-los e conferir-lhes maior valor acrescentado, pois, a longo prazo, nenhum setor poderá continuar indefinidamente a viver de ajudas”.

A Política Agrícola Comum (PAC) e o futuro das ajudas ao sector da pecuária extensiva no pós-2020 centraram boa parte da mesa redonda, em que participou Clara Aguilera, juntamente com a eurodeputada portuguesa ao Parlamento Europeu, Sofia Ribeiro. Tanto Clara Aguilera, como a eurodeputada portuguesa, coincidiram na ideia de que a próxima PAC deve procurar manter o orçamento e defenderam o aumento da contribuição dos Estados membros para garantir o reforço de verba. A eurodeputada admitiu que a atual PAC não trata justamente a Pecuária



As entidades organizadoras manifestaram interesse em que as administrações de ambos os lados da fronteira consigam trabalhar em conjunto.

Extensiva e que se deverá trabalhar para reverter a situação na próxima reforma que, segundo os cálculos apresentados, poderá estar em plena aplicação até 2023. Com efeito, e apesar do corte orçamental previsto, a pecuária em extensivo poderia ter apoios económicos adicionais por via da condicionalidade reforçada e do “eco-esquema”, um novo conceito que incorpora ajudas diretas a estas práticas de sustentabilidade ambiental, como a agricultura ecológica e a pecuária extensiva, cujas exigências seriam viabilizadas pelo próprio setor.

No painel de políticas europeias o responsável pelos Pagamentos Diretos e Greening da Direção Geral de Agricultura da Comissão Europeia, Pierre Bascou, colocou em cima da mesa, entre outros assuntos, a necessidade de desenvolver uma agricultura baseada no conhecimento e na inovação, indicando que a próxima PAC duplicará o orçamento em investigação. Referiu igualmente a importância de apostar na incorporação de jovens na atividade e de reforçar a ação de defesa climática e ambiental para conservar os recursos naturais, ação que já é exercida pela própria pecuária extensiva.

Identificar problemáticas comuns para definir soluções conjuntas

As autoridades e representantes das entidades organizadoras foram coincidentes na importância de um evento como este, pela sua abrangência ao reunir representantes dos sectores da produção e da transformação, universidades, administrações públicas, tanto de Espanha, como de Portugal, a fim de debater problemáticas comuns e procurar soluções conjuntas, com especial atenção para que a pecuária extensiva seja reflectida adequadamente na PAC pós 2020.

As entidades organizadoras manifestaram interesse em que as administrações de ambos os lados da fronteira consigam trabalhar em conjunto, tendo em conta o benefício para os produtores e explorações pecuárias, dado que delas depende a vida e economia de centenas de pequenas povoações, assim como a manutenção e conservação dos seus habitats naturais (o montado português e a dehesa espanhola), a biodiversidade da flora e da fauna, o património cultural, sem esquecer a ação exercida pelo manejo animal em extensivo contra as alterações climáticas e a prevenção de incêndios.

Num dos vários painéis do Congresso, o professor titular de Produção Animal da Faculdade de Veterinária da Universidade de Córdoba, Manuel Sánchez Rodríguez transmitiu aos presentes que as debilidades e ameaças do setor da pecuária em extensivo se sobrepõem aos pontos fortes e oportunidades. A ineficiente regulação, a pressão burocrática e a fraca renovação geracional são algumas das debilidades, enquanto que as alterações climáticas, a morte de azinheiras e sobreiros, a falta de rentabilidade e os movimentos em

defesa dos animais se contam entre as ameaças. No entanto, existem pontos fortes como sejam o efeito positivo na conservação ambiental, a importância e a qualidade das produções pecuárias em extensivo, assim como o associativismo do setor.

Organização, ecologia, encontro com o consumidor nos desafios de mercado

O Congresso sobre a pecuária extensiva deteve-se também nos mercados. Nas duas mesas deste painel foram abordados os “desafios e oportunidades na pecuária extensiva no mercado do século XXI” e “produção, transformação e distribuição de produtos da dehesa/montado”.

No que diz respeito aos desafios de mercado, um investigador da Universidade de Salamanca, Fernando Amores, assinalou três aspectos na sua intervenção: o comércio mundial globalizado, a proliferação de proteínas de origem vegetal com numerosos benefícios, em termos de redução do uso de água e de emissões de gases de efeito de estufa, e os desafios ambientais. E assegurou que, “se desaparece a pecuária, desaparecem os ecossistemas”.

Ao longo do debate muito participado, os intervenientes manifestaram a necessidade de impulsionar a organização do sector produtivo, apesar de ter evoluído nos últimos anos, como foi evidenciado por representantes de importantes cooperativas e grupos, é necessário maior impulso e dimensão. Outro aspeto em que houve consenso, é que as cooperativas entrem no processo de transformação, pois são as primeiras interessadas em gerar maior valor acrescentado às suas produções e seus associados.

Na linha da transformação, foi referida a descida do consumo que, em geral, está a afetar todas as produções de pecuária. Para inverter esta tendência foi apresentado como solução, a aposta num produto diferenciado, mais ligado à qualidade, como por exemplo ecológico, que vá ao encontro das expectativas do consumidor atual. Quanto à distribuição dos produtos do montado/dehesa, foi defendido que alguns setores, como o ovino, precisam escoar para o exterior até 30% da sua oferta, como alternativa à redução de vendas no mercado nacional (espanhol). Para tal, as alianças comerciais, não só entre empresas, como entre regiões, caso de Espanha e Portugal, podem resultar como fulcrais para o desenvolvimento e competitividade do setor.

Na defesa das mais valias da pecuária em extensivo foram vários os intervenientes que sintetizaram as suas mensagens em frases fortes com o intuito de sensibilizar a opinião pública, por via da comunicação: “sem árvores não há eficiência”; “sem animais não há pastos e sem pastos não há animais”; “não existe ecossistema sem raças autóctones, nem raças autóctones sem ecossistema”; “se desaparecer a pecuária, desaparecem os ecossistemas”.

ACOS anuncia para Beja II Congresso Luso-Espanhol de Pecuária Extensiva

Rui Garrido, presidente da ACOS, sublinhou na cerimónia de abertura, que “a ACOS estabeleceu parcerias com cooperativas e outras organizações espanholas para a comercialização de lã e borregos e está a desenvolver esforços conjuntos para a comercialização de bovinos. Foi precisamente a partir desta parceria que surgiu a ideia de organizar conjuntamente este importante congresso” para, conforme adiantou o presidente da ACOS, se debaterem todos os temas relacionados com o montado e actividades associadas, como sejam a pecuária extensiva nos seus aspectos sanitários, produtivos e comerciais”.

Rui Garrido adiantou que “a ACOS exerce a sua actividade no centro do grande projecto de Alqueva, que vai irrigar no Alentejo cerca de 170 mil hectares. Mas o Alentejo tem aproximadamente 3,1 Milhões de hectares, em que o sequeiro representa 85% da Superfície Agrícola Utilizada. É neste Alentejo que se encontra a floresta típica mediterrânica a que está associada a pecuária extensiva. É neste Alentejo que estão os problemas de desertificação e de despovoamento”. E deixou o alerta: “a realidade do Alentejo é similar a todo o Sudoeste Peninsular. É portanto aqui, que pretendemos centrar todo o debate e reflexão, como forma de alertar e influenciar os nossos políticos, tendo em conta o próximo Quadro Comunitário de Apoio, uma vez que as produções extensivas em redor deste ecossistema, têm sido, até hoje, sistematicamente negligenciadas”.

O presidente da ACOS terminou a sua intervenção com o anúncio de que, o II Congresso Luso-Espanhol de Pecuária Extensiva, a realizar em 2020, vai ocorrer em Beja.

Também da Direção da ACOS, o vice-presidente Miguel Madeira, médico veterinário, apresentou e moderou uma das mesas dedicadas à produção, sobre gestão e melhoria de pastagens e integração de raças autóctones no ecossistema.

Sobre as raças autóctones, um dos intervenientes foi o Diretor-Geral da ACOS, Claudino Matos que apresentou os efetivos das raças autóctones do Alentejo e analisou os apoios da PAC e as suas implicações na dinâmica e tendências dos efetivos animais explorados em extensivo nesta região.



I Congresso Hispano-Luso da Pecuária Extensiva

Fez-se uma radiografia completa do setor



Ezequiel Martínez
Jornalista e escritor

A pecuária extensiva proporciona um aproveitamento dos recursos forrageiros, por via do pastoreio, a produção de alimentos de mais alta qualidade (mais lã e peles). O exercício da sua atividade contribui para a manutenção de valiosos ecossistemas, preserva e melhora a biodiversidade, ao mesmo tempo que exerce um papel fulcral na prevenção de incêndios e na mitigação das alterações climáticas. Mas os seus benefícios não ficam por aqui. A atividade pecuária nas nossas dehesas/montados fixa população em zonas rurais... nas nossas aldeias... em zonas desfavorecidas,

sem a qual o futuro não seria possível.

Portanto, a pecuária extensiva beneficia todos os cidadãos, incluindo os que não consomem produtos de origem animal, o que nos conduz a uma conclusão fundamental. Num momento em que estão no auge os movimentos em defesa dos animais temos de fazer um esforço para desenvolver uma política de comunicação ativa dirigida aos consumidores, que valorize os nossos produtos e contrarie a manipulação e o poder exercido pelos lobbies económicos vegan.

A comunicação também tem de ser orientada em relação aos movimentos ecologistas, os quais responsabilizam a pecuária pelas suas emissões de gases de efeito de estufa mas não dizem, contudo, como é que a ativi-



dade contribui para a captação de dióxido de carbono e para a conservação do nosso património natural. Pois, como alguém aqui disse... se desaparecer a pecuária, desaparecem os ecossistemas. Em conclusão... temos que comunicar mais e melhor.

Ao longo destes dois dias temos falado também da crise profunda que atravessa a pecuária extensiva, devido à sua fraca rentabilidade... à falta de renovação geracional... às interferências sanitárias da coexistência sem controlo com a fauna cinegética... à ineficaz regulação administrativa apesar da enorme carga burocrática, que muitas vezes deriva da descoordenação entre administrações.

E falando de legislação, devemos referir... porque foi uma das mesas redondas que acolhemos aqui... a norma de qualidade do porco ibérico, que não tem favorecido a pecuária extensiva, gerando mais dúvidas e desconfianças nos consumidores... algo que as administrações deverão repensar junto do setor.

Não obstante, a pecuária extensiva conta com pontos fortes enquanto forma de produção tradicional que responde aos objetivos da PAC e às expectativas de qualquer consumidor. Como tal, é necessária uma tomada de decisão justa, clara e corajosa das diferentes administrações... de forma a que sejam destinados os recursos necessários para garantir a sua manutenção e



Terminamos este espaço de conclusões com otimismo e esperança, pois o I Congresso Hispano-Luso da Pecuária Extensiva foi uma oportunidade excepcional para fazer uma radiografia completa do setor, diagnosticar as suas problemáticas e promover uma abordagem integral.

sustentabilidade... tanto económica, como legislativa... para proteger este sistema de produção em benefício do nosso meio ambiente e das gerações presentes e futuras.

Para isso, melhor que estarmos sozinhos, é estarmos unidos com quem enfrenta, como nós, semelhantes problemáticas e as mesmas inquietações... estou a referir-me aos nossos vizinhos portugueses.

Ontem à tarde falámos aqui da importância das alianças comerciais entre empresas espanholas e portuguesas... e na cerimónia de inauguração foi pedida união de ambos os governos em defesa de uma melhor PAC para a Península Ibérica.

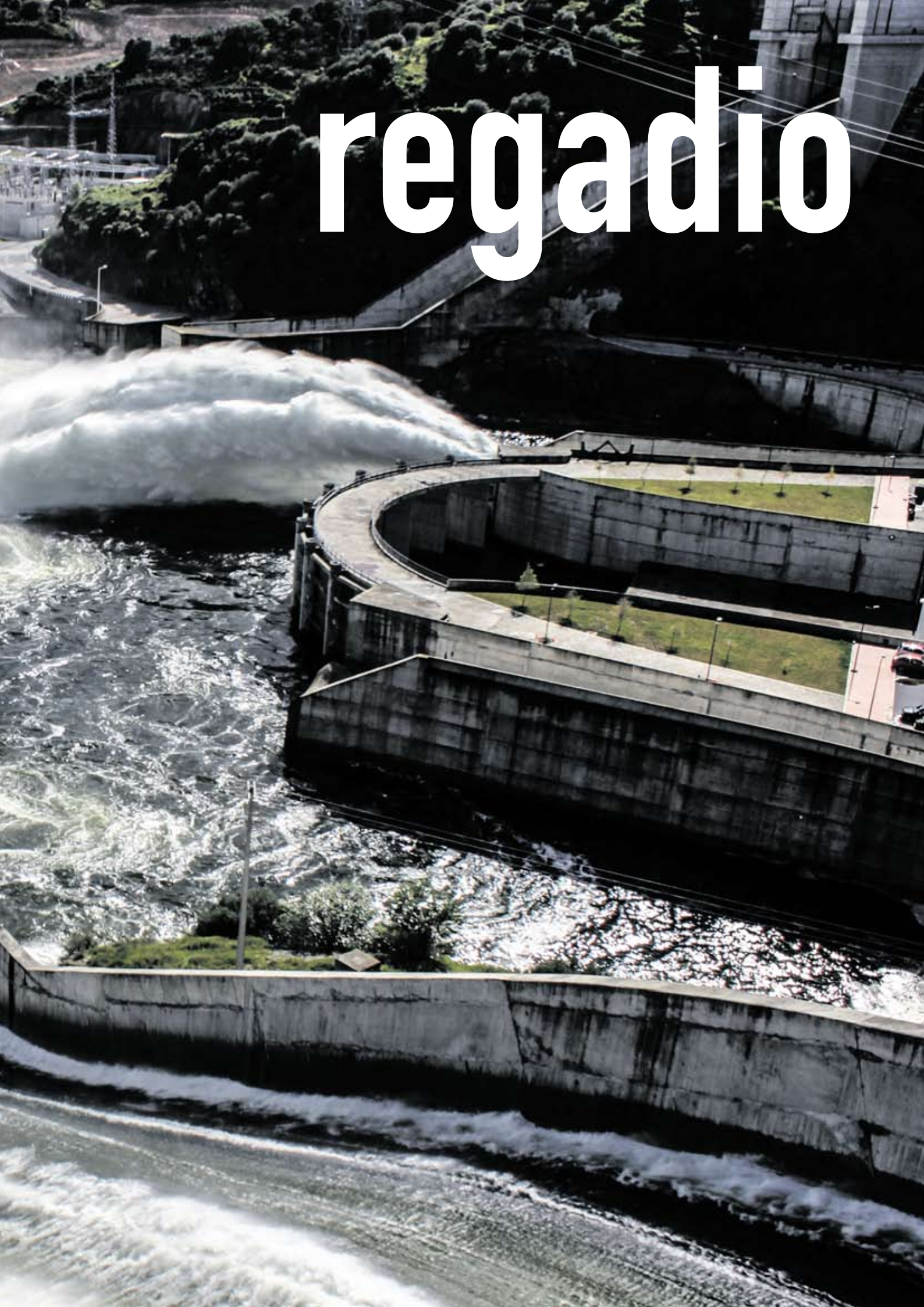
É esse o caminho: trabalharmos juntos e coordenar ações em defesa da pecuária extensiva tanto em Espanha, como em Portugal.

Terminamos este espaço de conclusões com otimismo e esperança, pois o I Congresso Hispano-Luso da Pecuária Extensiva foi uma oportunidade excepcional para fazer uma radiografia completa do setor... diagnosticar as suas problemáticas... e promover uma abordagem integral. Mas o mais importante, e com o que terminamos, é o espírito de superação e o desejo de todos os profissionais que aqui estiveram e que demonstraram que seguirão trabalhando para que esta apaixonante atividade prossiga com futuro.





regadio



Jornadas da FENAREG

Representantes de agricultores e de regantes constroem propostas de gestão das redes de rega

O Ministro da Agricultura, Capoulas Santos anunciou, no decorrer das Jornadas da FENAREG – Federação de Regantes de Portugal – a ampliação do regadio de Alqueva em mais 50 mil hectares, num investimento de 210 milhões de euros, a concretizar até 2023. Entretanto foi aberta a discussão, entre o Ministério e os agricultores, sobre o mais adequado modelo de gestão dos blocos de rega. FENAREG e FAABA – Federação das Associações de Agricultores do Baixo Alentejo apresentaram estudo com contributos.



A Federação Nacional de Regantes de Portugal promoveu, a 15 e 16 de Novembro, as XI Jornadas FENAREG, “Encontro de Regadio 2018” sob o lema “o futuro está no regadio”. O Encontro decorreu em Montes Velhos, Aljustrel, associado às comemorações dos 50 anos do Aproveitamento Hidroagrícola do Roxo.

Do programa fez parte a apresentação de um estudo promovido pela FENAREG e pela FAABA – Federação das Associações de Agricultores do Baixo Alentejo – visando a construção de propostas fundamentadas de modelos para a gestão futura tanto do regadio, como das infraestruturas na área de influência de Alqueva.

A génese do estudo surgiu, entre outros focos de relevo, pelo desafio do Ministro da Agricultura, Capoulas Santos, num ofício enviado à FENAREG, com conhecimento às associações de regantes, no sentido de se realizar “uma atempada e serena reflexão sobre a melhor forma de encontrar soluções para o futuro” (...) evitando “consequências negativas para os regantes e respetivas associações” (...), nomeadamente “nos períodos de seca”.

O estudo incidirá sobre o grande sistema hidráulico constituído pelas áreas beneficiadas na primeira fase do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva (EFMA), cerca de 120 mil hectares, pelas áreas a beneficiar na 2ª fase, cerca de 48 mil hectares em fase de projeto e/ou de construção e pelas áreas atualmente sob gestão de associações de regantes e beneficiários que constituem os designados Aproveitamentos

Hidroagrícolas confinantes com o EFMA (Roxo, Odiveiras, Campilhas e Alto Sado, Vigia, Vale do Sado e Lucifet) e já integrados na rede.

As concessões em vigor, da gestão do regadio, terminam a 31 de Dezembro de 2020, depois de decorridos sete anos. Este período de tempo “evidencia” conforme inscrito no documento do estudo, “uma situação de transição, até que seja possível encontrar no terreno condições adequadas à concessão a associações de beneficiários, mantendo a tendência daquele que é o modelo de gestão do regadio que, no nosso país, tem mais de 60 anos de sucesso e que é baseado no princípio da corresponsabilização entre administração e utilizadores para alcançar a melhor gestão da água para rega” (...).

A FENAREG apresentou também um documento com contributos para o desenvolvimento de uma Estratégia Nacional para o Regadio até 2050. Este estudo traça vários objetivos estratégicos para o desenvolvimento do regadio em Portugal, e propõe metas, entre os quais, criar infraestruturas para 250 mil hectares de regadio público; melhorar em 10% a eficiência do uso da água-energia no regadio e a criação de um programa específico de financiamento público para o desenvolvimento do regadio em Portugal. “Trata-se de uma estratégia para guiar as decisões políticas, mas não pretende substituir-se aos decisores políticos” sublinhou Francisco Gomes da Silva, sócio-gerente da Agrogés, a entidade que elaborou o estudo com contributos para a Estratégia Nacional.

O Ministro da Agricultura respondeu ao convite da organização e esteve presente no último dia das Jornadas e participou no almoço comemorativo dos 50 anos do Aproveitamento Hidroagrícola do Roxo. Visitou infraestruturas hidráulicas, empresas agro-industriais e herdades instaladas no aproveitamento hidroagrícola e agradeceu o contributo que a FENAREG apresentou para o desenvolvimento de uma Estratégia Nacional para o Regadio a 2050. E afirmou “não concebo nenhum modelo de gestão para o futuro, deste empreendimento de regadio ou de qualquer outro, que não passe pelo envolvimento e participação ativa dos agricultores”.

Capoulas Santos sublinhou ainda que “o Governo está a trabalhar no plano nacional de regadios para o horizonte até 2030” e realçou que “todos os contributos, sobretudo aqueles que vêm dos seus principais destinatários, os regantes, são bem-vindos e acarinhados pelo Ministério da Agricultura”.

O titular da pasta da agricultura anunciou, na ocasião, a ampliação de mais 50 mil hectares de regadio na zona de Alqueva, um investimento de 210 milhões de euros com um horizonte temporal previsto até 2023. A obra integra o Plano Nacional de Regadios que prevê um investimento global de 560 milhões de euros para requalificar regadios obsoletos e construir novos, beneficiando um total de 100 mil hectares no País, metade dos quais no Alentejo”.

Maior eficiência e equidade no Grande Sistema Hidráulico do Alentejo

Federação de Regantes de Portugal (FENAREG) e Federação das Associações de Agricultores do Alentejo (FAABA) divulgaram um estudo com propostas em construção sobre gestão da rede primária e das redes secundárias de distribuição de água no perímetro de rega de Alqueva. A atual concessão da gestão da rede secundária, a cargo da EDIA, termina a 31 de Dezembro de 2020, tendo sido esta uma das razões pela qual as entidades representativas dos agricultores colocaram o assunto em cima da mesa para apreciação pelas partes envolvidas.

A gestão da rede primária, também a cargo da EDIA, tem atualmente a vigorar um período de concessão de 75 anos. Ambas as concessões, em vigor, foram celebradas em 2013.

O estudo apresentado pela FAABA e pela FENAREG, ainda em fase de construção, aponta que, “o melhor sistema de gestão será aquele que garanta, em simultâneo: os melhores níveis de eficiência de todo o sistema, com reflexos que daí decorrem para a minimização dos custos associados a cada metro cúbico disponibilizada; os melhores níveis de eficácia nos serviços que é suposto as entidades gestoras assegurarem, que se traduzirá essencialmente no facto de os regantes terem acesso à água de que necessitam, com a qualidade exigida e nos momentos adequados; os níveis de equidade desejáveis para o conjunto de regantes, o que deverá traduzir-se nas condições de acesso à água por parte do conjunto de regantes que beneficiam do sistema, independentemente da sua localização geográfica específica; elevado nível de transparência e possibilidade de escrutínio por parte da sociedade em geral e dos beneficiários da água em participar”.

Tendo por base nas expectativas das entidades gestoras (seis associações de regantes e beneficiários e a EDIA), assim como as expectativas dos regantes, o estudo apresentado está a definir um modelo que tenha em conta alguns princípios considerados básicos. São eles: o desaparecimento do conceito de “AH confinante” (Aproveitamentos Hidroagrícolas) “e prevalece a lógica de um grande sistema hidráulico do Alentejo (GSHA)”. Este, “é constituído por um Sistema Primário único e com gestão centralizada, mas em estreita articulação com as entidades que vão gerir a Rede Secundária; articula-se, em torno da referida rede primária, uma Rede Secundária, estruturada em blocos ou Perímetros de Rega, tendencialmente com gestão local (garantindo a proximidade com o utilizador final), mas em estreita articulação com a entidade que vai gerir a Rede Primária; desejavelmente, as entidades que venham a ser responsáveis pela gestão local de Blocos ou Perímetros inseridos no GSHA, deverão garantir uma articulação adequada com a entidade responsável pela gestão da rede primária”.

Pedro Manuel Alves de Mendonça Veríssimo Batista, 54 anos, é agricultor desde que se conhece.

Produtor pecuário de gado bovino em extensivo e com produção vegetal de regadio.

É, desde 2007, Segundo-Secretário da Mesa da Assembleia-Geral da ACOS.

E, desde 2015, Diretor do Serviço de Leilões desta Associação.

“Efetivo pecuário português é dos mais bem rastreados do mundo”

“

A ACOS é uma associação que está do lado dos agricultores, da região, do mundo rural, a lutar contra a desertificação e por melhores condições. E na altura da Ovibeja todos os membros do Governo e todos os partidos políticos vêm ao nosso evento.

Em discurso direto analisou o percurso da ACOS que considera uma entidade de referência na região, respeitada tanto por parte da produção, como dos sucessivos governantes. Faz um balanço dos leilões também enquanto mecanismo “regulador” dos preços e como ponto de partida para a criação de outros serviços de comercialização organizada que garantam maior consistência e poder negocial aos produtores.

É crítico em relação à forma como a cidade olha para o campo e diz que os maiores preservadores do meio ambiente são os agricultores, “porque não vamos deixar a nossa casa estragada aos nossos filhos”. Sobre o anúncio da redução do efetivo pecuário em nome da neutralidade carbónica diz que “esta decisão, a ir para a frente, vai trazer mais desertificação das zonas rurais” e perda de rendimento.

O Pedro Veríssimo é membro dos Corpos Sociais da ACOS desde 2007. Como classifica o papel da Associação na defesa dos interesses da agricultura e dos seus associados?

A ACOS, é uma associação de referência na nossa região. Temos cerca de 1700 sócios e é também uma entidade que emprega muita gente, criamos riqueza e, além de muitas outras atividades desenvolvidas, a ACOS é a organizadora da Ovibeja.

Desde o princípio, a ACOS sempre teve um papel reivindicativo em defesa dos interesses da região. É uma entidade respeitada, e por essa razão sempre fomos recebidos, e continuamos a sê-lo, pelo Ministro da Agricultura em funções a cada momento, além de outros ministros ou membros do governo a quem solicitamos audiências. A ACOS é uma associação que está do lado dos agricultores, da região, do mundo rural, a lutar contra a desertificação e por melhores condições. E na altura da Ovibeja todos os membros do Governo e todos os partidos políticos vêm ao nosso evento.

É Diretor do Leilão de Bovinos da ACOS desde 2015,

data em que o serviço foi criado. Quatro anos depois, que balanço pode ser feito?

Os leilões começaram porque o nosso saudoso Presidente, Manuel de Castro e Brito, me pediu para criar, por via da ACOS, um leilão em Beja, idêntico aos que são realizados em Montemor-o-Novo e em Évora. Na nossa zona havia essa lacuna. Falei com o Dr. Miguel Madeira (veterinário responsável) e colocámos a ideia em prática. Já realizámos mais de 40 leilões, desde 2015, e têm corrido bem, os produtores pecuários têm-se mostrado satisfeitos. Os leilões funcionam como uma bolsa de referência dos preços. Mesmo os agricultores que não tragam os seus animais a um leilão, baseiam-se nos preços praticados nos leilões para comercializarem os seus animais.

Considera que o leilão trouxe benefícios aos produtores do distrito de Beja?

Sim, trouxe benefícios, porque era um serviço que faltava na nossa zona. Não é que todos os produtores tragam animais a leilão mas todos os produtores acompanham os preços ali praticados.

A criação dos leilões foi um ponto de partida para a organização da comercialização, para a aproximação dos produtores?

Sim têm ajudado. Aliás, em complemento, a ACOS está a criar e a avançar com outros serviços de comercialização mais organizada e mais consistente em termos de ganhos de dimensão e de poder negocial.

O leilão é mais uma porta de saída dos animais, encurtando a distância entre o produtor e quem compra. Os leilões levaram a que tivéssemos aumentado o número de sócios e começaram a vir à ACOS agricultores que não conhecíamos. Este é mais um dos muitos serviços que pretendemos manter e melhorar continuamente.

Que mais-valias podem ser destacadas, por via dos leilões, tanto para a ACOS como para os produtores?

Os leilões trouxeram mais sócios para a ACOS. No que diz respeito aos produtores encurta a distância no circuito de

venda entre produtor e comprador. No processo de compra e venda, embora este seja feito entre produtores e compradores, o pagamento ao produtor é feito pela ACOS. E como a ACOS é uma associação respeitada, os produtores sabem que recebem e que não há atrasos nos pagamentos. Estão descansados em relação ao pagamento, porque têm confiança na ACOS. Esta é uma das grandes mais-valias do leilão. Dois dias depois as pessoas têm o dinheiro na conta.

Quantos animais em média costumam ir a leilão?

Varia entre os 200 e os trezentos e muitos animais. Se quisermos estabelecer uma média, será por volta dos 250 bovinos por leilão.

Enquanto produtor pecuário, que vende animais no leilão, que avaliação faz dos leilões?

Além de estar satisfeito com os preços praticados, o leilão serve-me ainda de base em termos de valores de venda para outros animais que comercializo. A verdade é que quando trago animais ao leilão estou sempre muito mais descansado do que em relação aos que vendo por fora. E vendo, às vezes por fora, porque não me é possível trazer todos os animais ao leilão, tendo em conta a quantidade, algumas características e condição do animal em cada altura.

Para quem não conhece a linguagem dos leilões, gostava que nos explicasse como é estabelecido o preço base dos animais?

O preço base tem muito a ver com a genética do animal, condição, idade, peso. Eu e o Dr. Miguel Madeira, o médico veterinário responsável, fazemos uma observação e análise rigorosas e classificamos os animais. E como estamos dentro do mercado, tanto nacional (estamos ao corrente do que se passa nos outros leilões), como externo, tendo em conta bolsas de referência de preços, procuramos estabelecer valores base que sejam corretos.

A ACOS está a preparar a 36ª edição da Oviveja que tem como tema principal a problemática das alterações climáticas. Enquanto agricultor, homem da terra, que mensagem pode transmitir sobre esta questão?

Nós agricultores, as pessoas que trabalham na terra, somos os maiores preservadores do meio ambiente. Porque não vamos deixar a nossa casa estragada aos nossos filhos. É este o nosso local de trabalho duradouro. Nós sabemos preservar e não precisamos de ninguém do poder central que nos venha dizer como devemos fazer as coisas.

No âmbito das alterações climáticas, em nome da neutralidade carbónica, o ministro do ambiente veio a público afirmar que é preciso reduzir em 30 por cento o efetivo pecuário de gado bovino, até 2050. Como analisa esta decisão?

Eu não queria dizer que é um disparate mas acho que é uma ideia que me parece muito pouco consistente. Esta decisão, a ir para a frente, vai trazer mais desertificação das zonas rurais, perda de rendimento para os pequenos e



Nós agricultores, as pessoas que trabalham na terra, somos os maiores preservadores do meio ambiente. Porque não vamos deixar a nossa casa estragada aos nossos filhos. É este o nosso local de trabalho duradouro. Nós sabemos preservar e não precisamos de ninguém do poder central que nos venha dizer como devemos fazer as coisas.

médios agricultores, e também para os de maior dimensão. Para todos. E não tem lógica nenhuma. Se querem tratar do ambiente, há tantas outras áreas onde pegar e trabalhar. Há automóveis, há fábricas...

E vão falar precisamente dos animais nas pastagens. Não estou a ver qual é o mal. Há um estudo que diz precisamente o contrário. Que manter os animais no campo, em regime extensivo, como eu tenho todo o meu efetivo, preserva o meio ambiente. Porque semeamos pastagens, muitas delas biodiversas, os animais pastam nos restolhos, aproveitam os subprodutos da exploração.

Não percebo, até porque o efetivo pecuário português é dos que são mais bem rastreados no mundo, ou seja, têm controlo sanitário dos melhores do mundo. Não faz sentido reduzirmos o nosso efetivo e irmos depois importar carne do exterior. A pegada ecológica torna-se muito maior. E mais preocupante.

Penso que isto poderá estar relacionado com grandes lobbies que querem introduzir a proteína vegetal. Porque é aí que ganham dinheiro a vender agro-químicos, adubos e mais uma panóplia de produtos.

Acha que a cidade está a distanciar-se cada vez mais da realidade do campo?

Acho que se está a perder a noção do que é a vida no campo, do que se passa no campo. Acho que os nossos governantes, em concreto os ministros do ambiente e da agricultura deveriam estar mais em contacto com as diferentes realidades do campo, ir, conhecer, inteirarem-se verdadeiramente sobre como se faz agricultura nos diferentes setores e quais os principais contributos dados hoje em dia pelos agricultores para a preservação do meio ambiente e do seu local de trabalho.

Noto que há cada vez um maior distanciamento em relação à realidade da vida no campo, e digo isto também em relação ao cidadão comum.

biosfera



David Marques, vereador da Câmara Municipal de Castro Verde

“Pretendemos criar a marca *Castro Verde Biosfera*”

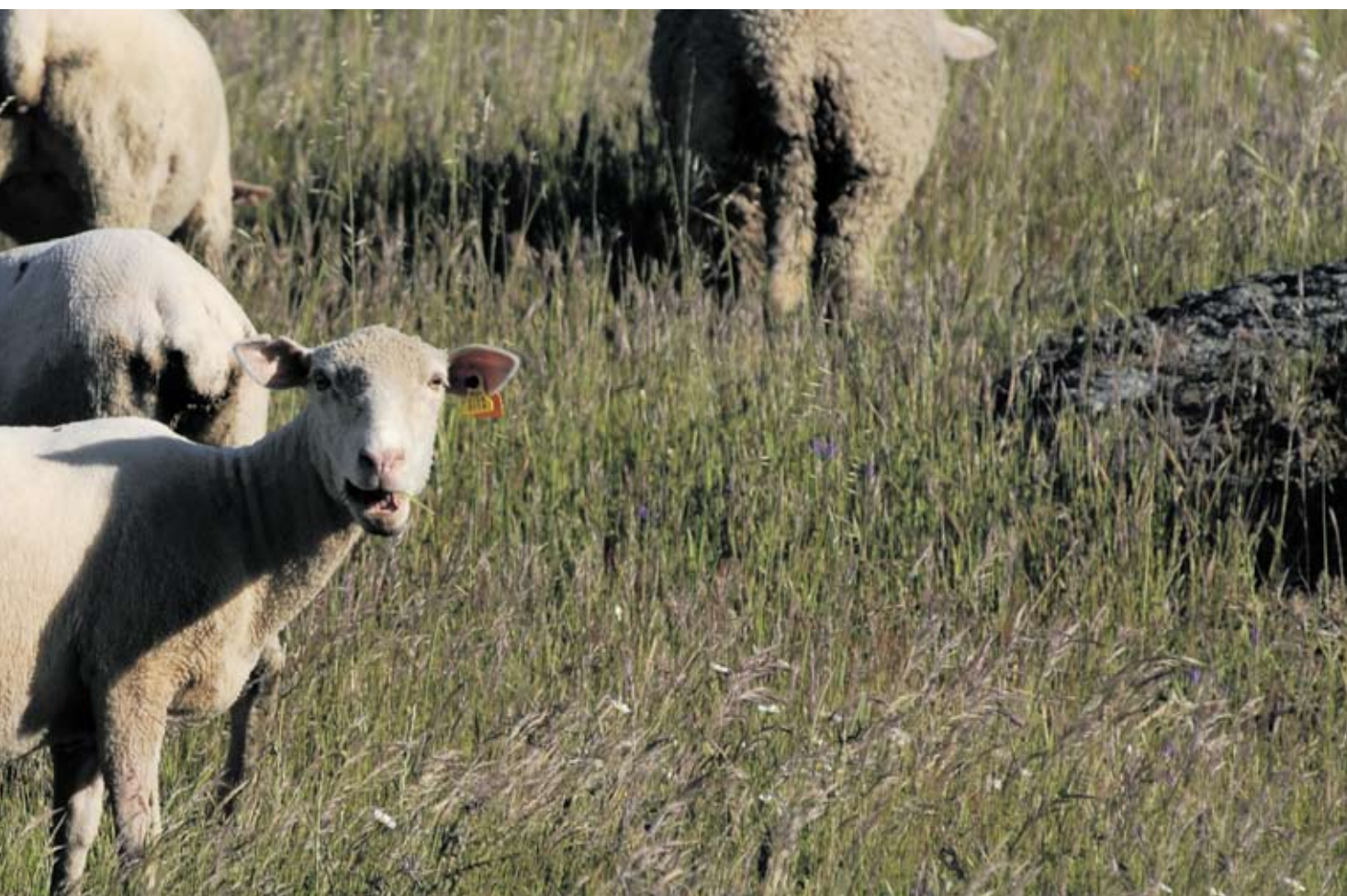
A Reserva da Biosfera de Castro Verde, criada em 14 de Junho de 2017 por decisão da UNESCO, inscreve no seu plano de ação vários pontos identificativos da missão a que se propõe. Entre eles, o desenvolvimento sustentável, assegurar uma agricultura em harmonia com a natureza, promover a diferenciação do território associada ao binómio natureza-cultura, comunicação e educação para a sustentabilidade. Diversidade biológica, alterações climáticas e combate à desertificação aparecem como pontos-chave da atuação das entidades que integram a Reserva da Biosfera de Castro Verde. A ACOS e a FAABA foram convidadas a integrar, este ano, o Conselho Consultivo da Reserva da Biosfera.



“A marca “Castro Verde Biosfera” pretende ser um instrumento de comunicação, em dois planos distintos. Por um lado, no plano interno, pretende-se fomentar o envolvimento da comunidade local – associações, empresas e iniciativas – no sentido da apropriação dos desafios e da missão da Reserva da Biosfera de Castro Verde. Por outro lado, pretende-se valorizar e afirmar no plano externo a denominação de origem de produtos e serviços criados no território de Castro Verde, um território que é objecto de um reconheci-

mento mundial pela UNESCO. É importante poder associar aos produtos deste concelho, que se projetem para mercados externos, uma marca de origem, distintiva, um selo de reconhecimento internacional. A marca é entendida assim, simultaneamente, como um factor de identidade e partilha, e de valor acrescentado, nas dimensões económica e social”, refere o vereador da Câmara de Castro Verde, David Marques, em entrevista à revista “Ovelha”.

Para este autarca “a marca tem como ponto de partida a imagem/ logotipo institucional definido para Reserva da Biosfera, que simboliza, na representação da abetarda, a visão que se tem para este concelho, uma visão de desenvolvimento sustentável, que compatibiliza a ocupação humana, protagonizada na gestão da paisagem pelos agri-



cultores, com a conservação e valorização da natureza, com destaque para a conservação da avifauna”.

“Aprovada esta imagem em junho de 2018 pelo Conselho Consultivo, que integra o conjunto de parceiros que alargam a parceria de gestão, assumida pela Associação de Agricultores do Campo Branco, pela Liga para a Protecção da Natureza e pelo Município de Castro Verde, procurou-se evoluir rapidamente para a definição da Marca, cuja fase de regulamentação está significativamente desenvolvida. A meta mais importante será entrar em 2019 com uma Marca definida e aprovada, e pronta a ser utilizada pelos diferentes agentes económicos e sociais do concelho”, acrescenta David Marques.

“A utilização da Marca obedecerá a um processo de adesão, vai requerer uma candidatura por parte das

empresas e produtores, que será avaliada e caso sejam cumpridos requisitos gerais definidos em regulamento e alguns mais específicos, decorrentes da natureza do produto ou da actividade. A abrangência desta Marca pode chegar a produtos como o Pão, o Mel, o Vinho, a Carne e Enchidos, o Queijo, Hortícolas e Frutícolas, Pastelaria, Licores, Doces e compotas, Cereais, Forragens, Artesanato, entre outros. No domínio dos serviços é igualmente abrangente a visão para a utilização da Marca, pretendendo-se, naturalmente, valorizar a origem e o âmbito territorial em que se desenvolvem, sempre que respeitados os princípios e fundamentos que estão subjacentes à classificação como Reserva da Biosfera da UNESCO”, conclui o vereador da autarquia do Campo Branco.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL 2019

OFERTA FORMATIVA (CO-FINANCIADA)

- Jovem Agricultor (Formação Base) - Agricultura Sustentável 50H
- Jovem Agricultor – Formação Complementar 150H
- Modo de Produção Integrado 50H
- Cultura da Amendoeira 50H
- Cultura do Olival 50H
- Técnicas de Regadio 25H
- Manutenção de Equipamento de Rega 25H
- Instalação e Regulação de Sistemas de Rega 25H
- Processos e Métodos de Rega e de Drenagem 25H
- Aplicação de Produtos Fitofarmacêuticos 50H
- Tosquia de Ovinos 50H
- Protecção de Ruminantes e Equinos em Transporte de Longa Duração 25H
- Mecanização Básica e Condução de Veículos Agrícolas 250H
- Conduzir e Operar o Trator em Segurança (Operadores) 50H
- Conduzir e Operar o Trator em Segurança (Técnicos) 35H
- Turismo em Espaço Rural 25H
- Prevenção de Incêndios Florestais 50H
- Técnicas de Socorrismo (Princípios Básicos) 25H

Locais da Formação: Beja e Évora.

A formação pode ser realizada em outros concelhos ou freguesias dependendo do número de formandos e articulação com entidades parceiras.

Contactos | Rua Cidade S. Paulo - Apart. 296 - 7801-904 Beja | **Telf.** 284310350 | **Telm.** 936059547 | **Email** formacao@acos.pt | **Site** www.acos.pt

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

OFERTA FORMATIVA CO-FINANCIADA 2018-2021

CURSOS EFA – DUPLA CERTIFICAÇÃO

- Curso de Técnico/a Vitivinícola 2045H
- Curso de Técnico/a de Técnico de Produção Agropecuária 2045H
- Curso de Técnico/a de Recursos Ambientais e Florestais 2170H

Horário: Laboral

Conferem:

- Habilitação escolar (12º ano)
- Carta de Tratorista
- Cartão de Aplicador de Produtos Fitofarmacêuticos

Apoios à formação:

- Bolsa de Formação
- Subsídio de Alimentação
- Seguro de Acidentes Pessoais
- Deslocações e acolhimento (se aplicável)

Condições de acesso:

- Idade igual ou superior a 23 anos
- Igual ou superior ao 9º ano de escolaridade

Locais da Formação: Beja e Évora.

A formação pode ser realizada em outros concelhos ou freguesias dependendo do número de formandos e articulação com entidades parceiras.

Contactos | Rua Cidade S. Paula - Apart. 296 - 7801-904 Beja | **Telf.** 284310350 | **Telm.** 938059547 | **Email** formacao@acos.pt | **Site** www.acos.pt

TUDO O ALENTEJO DESTE MUNDO



24 A 28 DE ABRIL DE 2019

